

Cadernos da Comunicação
Série Memória

Diario de Noticias

A luta por um país soberano



Agradecemos a colaboração de todos os jornalistas que, com seus depoimentos, enriqueceram a pesquisa sobre a história do *Diário de Notícias*. Em especial, agradecemos a Adail José de Paula, pelas ilustrações e fotos cedidas, a Francisco Campanella Neto, pela foto da rendição dos presos de Aragarças (que lhe valeu o Prêmio Esso de Fotografia), e a João Portella Ribeiro Dantas, último diretor-proprietário do jornal, que nos cedeu imagens do seu arquivo e cujo depoimento norteou a nossa pesquisa.

Rio de Janeiro (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social.

Diário de Notícias: a luta por um país soberano / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. – A Secretaria, 2006.
106 p.: il.– (Cadernos da Comunicação. Série Memória)

ISSN 1676-5508
Inclui bibliografia

1. Imprensa – Brasil – História. 2. Imprensa e política – Brasil. 3. Jornalismo – Aspectos políticos. – Brasil.
I. Título.

CDD 070.44933188

DIB/PROC. TEC.

A coleção dos Cadernos da Comunicação pode ser acessada no *site* da Prefeitura/Secretaria Especial de Comunicação Social:
www.rio.rj.gov.br/secs
Fevereiro de 2006

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Rua Afonso Cavalcanti 455 – bloco 1 – sala 1.372
Cidade Nova
Rio de Janeiro – RJ
CEP 20211-110
e-mail: cadernos@pcrj.rj.gov.br

Todos os direitos desta edição reservados à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Prefeitura.



Prefeito
Cesar Maia

Secretária Especial de Comunicação Social
Ágata Messina

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO
Série Memória

Comissão Editorial
Ágata Messina
Helena Duque
Leonel Kaz
Regina Stela Braga

Edição
Regina Stela Braga

Redação e pesquisa
Álvaro Mendes
Patrícia Melo e Souza

Revisão
Alexandre José de Paula Santos

Projeto gráfico e diagramação
Marco Augusto Macedo

Capa
José Carlos Amaral/Seprop
Marco Augusto Macedo

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO

Edições anteriores

Série Memória

- 1 - Correio da Manhã – Compromisso com a verdade
- 2 - Rio de Janeiro: As Primeiras Reportagens – Relatos do século XVI
- 3 - O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina
- 4 - Mulheres em Revista – O jornalismo feminino no Brasil
- 5 - Brasília, Capital da Controvérsia – A construção, a mudança e a imprensa
- 6 - O Rádio Educativo no Brasil
- 7 - Última Hora – Uma revolução na imprensa brasileira
- 8 - Verão de 1930-31 – Tempo quente nos jornais do Rio
- 9 - Diário Carioca – O máximo de jornal no mínimo de espaço
- 10 - Getúlio Vargas e a Imprensa
- 11 - TV Tupi, a Pioneira na América do Sul
- 12 - Novos Rumos, uma Velha Fórmula – A mudança do perfil do rádio no Brasil
- 13 - Imprensa Alternativa – Apogeu, queda e novos caminhos
- 14 - Um jornalismo sob o signo da política

Série Estudos

- 1 - Para um Manual de Redação do Jornalismo On-Line
- 2 - Reportagem Policial – Realidade e Ficção
- 3 - Fotojornalismo Digital no Brasil – A imagem na imprensa da era pós-fotográfica
- 4 - Jornalismo, Justiça e Verdade
- 5 - Um Olhar Bem-Humorado sobre o Rio nos Anos 20
- 6 - Manual de Radiojornalismo
- 7 - New Journalism – A reportagem como criação literária
- 8 - A Cultura como Notícia no Jornalismo Brasileiro
- 9 - A Imagem da Notícia – O jornalismo no cinema
- 10 - A Indústria dos Quadrinhos
- 11 - Jornalismo Esportivo – Os craques da emoção
- 12 - Manual de Jornalismo Empresarial
- 13 - Ciência para Todos – A academia vai até o público
- 14 - Breve história da Imprensa Sindical no Brasil

O *Diário de Notícias* surgiu numa das épocas mais conturbadas da nossa história: em 1930, ano da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder e tempo de profundas mudanças políticas, sociais e econômicas no país. O Brasil ainda sofria os efeitos devastadores da quebra da Bolsa de Nova York. Mesmo assim, houve um desenvolvimento do setor industrial e da urbanização.

Um período de “convalescença da alma nacional”, como diria o *Diário de Notícias* no editorial de estréia, “sacudida pela campanha presidencial mais alentadora de quantas já se feriram no cenário político do Brasil”. O candidato da situação, Júlio Prestes, venceu a eleição, mas seu opositor, Getúlio Vargas, liderou o golpe que derrubou o então presidente Washington Luís e assumiu a chefia do governo.

O *Diário de Notícias*, que a princípio deu um crédito de confiança a Getúlio, logo se desencantou e partiu para a oposição, na qual se manteve até o fim do Estado Novo. Jamais concordou com a posição centralizadora e autoritária do chefe do Governo. Era um jornal patriota mas, sobretudo, independente, que nunca se curvou às pressões do poder e rejeitou com dignidade ofertas de subvenções. O preço foi alto: restrições na publicidade oficial e ameaças de corte de papel.

O Estado Novo terminou, mas o *Diário de Notícias* manteve sua posição vigilante nos governos que se seguiram. Denunciou a corrupção no governo Dutra, foi contra a mudança da capital por Juscelino Kubitschek, apoiou Jânio Quadros com sua política externa independente e defendeu a posse de João Goulart. Quando Jango desafiou a hierarquia das Forças Armadas, passou para a oposição e apoiou o golpe militar de 1964. Mas em vista das arbitrariedades, esse apoio durou pouco e, mais uma vez, o jornal foi castigado com a retirada da publicidade de órgãos estatais.

Começou uma época de sérios problemas financeiros para o *Diário de Notícias*, até ser vendido, em 1970, por um preço irrisório. Em novembro de 1976, foi à falência. Seu legado, entretanto, continua vivo, particularmente na área da Educação. Esta foi uma das suas prioridades desde a fundação, quando a poetisa Cecília Meireles foi convidada para dirigir a *Página de Educação*. Por coincidência, no antigo prédio da Rua Riachuelo, funciona hoje a *Folha Dirigida*, semanário especializado na divulgação de concursos e com foco na Educação.

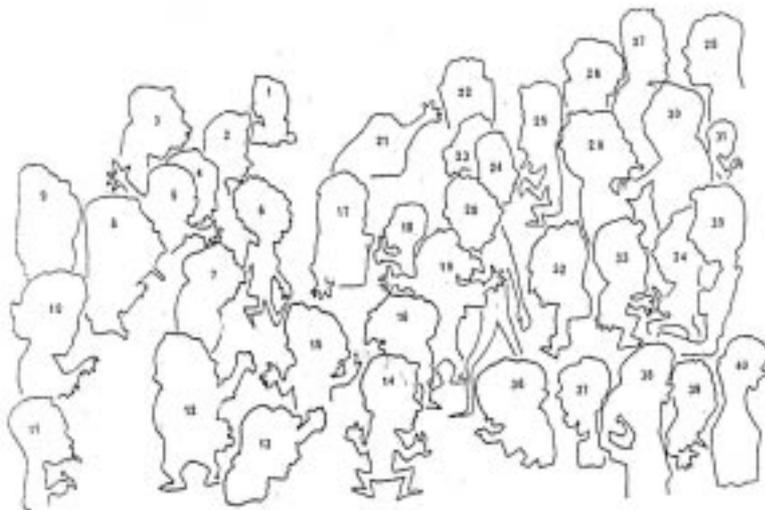
CESAR MAIA
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

*'Sursum corda!' Erguei-vos, alegrai-vos,
corações! O velho grito exultante se impõe nesta
hora feliz para a nacionalidade redempta.*

(Saudação, na primeira página do *Diário de Notícias*
de 15/11/1933, à instalação da Assembléia Nacional
Constituinte, uma das bandeiras do jornal na
campanha pelo retorno à normalidade institucional.)

Sumário

O jornal da Revolução	9
Orlando Dantas, um patriota	14
O Diário e Getúlio: do apoio ao desencanto	17
O difícil equilíbrio entre amizade e profissionalismo	27
O DN prossegue em sua linha	33
Com JK, revoltas e mudança da capital	41
O apoio do DN a Jânio Quadros e a João Goulart	49
Educação, cultura e também recreação	56
O mais completo suplemento literário da época	59
À margem das traduções (e correções)	64
A Revolução Brasileira sonhada pelo DN	70
Uma só história, muitos pontos de vista	77
• Hélio Pólvora – Galvão e Gagárin: navegar é preciso	78
• Gilson Campos – Quando um ‘furo’ derruba a publicidade	83
• Adail José de Paula – Charges para todos os momentos	87
• Ricardo Boechat – Um foca na década de 70	89
• Tobias Pinheiro – O repórter em cima da linha	93
• Nilo Dante – Depois do esplendor, uma lenta agonia	99
Bibliografia	104



A redação do *Diário de Notícias* em 1961, no traço de Adail José de Paula: 1. Hércio Martins; 2. Nilson Viana; 3. Hélio Fernandes; 4. Júlio Maria; 5. David Gonçalves; 6. Agostinho Seixas; 7. Daltro de Brito; 8. Paulo de Castro; 9. Campos Ribeiro; 10. Maria de Lourdes; 11. Adail José de Paula; 12. Rubem Pereira; 13. Nilo Dante; 14. Ezio Speranza; 15. Vicente Cascardo; 16. Tobias Pinheiro; 17. Vitorino de Oliveira; 18. Jorge Gonçalves; 19. Luiz Luna; 20. Edson Braga; 21. Vanderlino Nunes; 22. Rui Medeiros; 23. Aurélio Lacerda; 24. Flávio Focão; 25. Hugo Dupin; 26. Barbosa Nascimento; 27. Orlando Nóbrega; 28. Rubens Nogueira; 29. Osório Borba; 30. Prudente de Moraes, neto; 31. Mister Samba; 32. Sales Neto; 33. Expedito Quintas; 34. Luiz Macedo; 35. René Amaral; 36. Milton Pinheiro; 37. Mário Vale; 38. Osvaldo de Castro; 39. Ítalo Vivone; 40. Idalício Mendes.

O jornal da Revolução

A Revolução de 1930 foi, para muitos historiadores, o movimento mais importante da história do Brasil do século XX. Ocorreu num período em que a nação passava por mudanças políticas, sociais e econômicas decisivas para o país. O surgimento de novas forças sociais – a burguesia industrial e um movimento operário organizado – evidenciou a inadequação da, então, forma de domínio político para o desenvolvimento da nação.

Foi nesse cenário político, econômico e social conturbado que surgiu, em 12 de junho de 1930, o *Diario de Noticias*, fundado por Orlando Dantas. Com duas seções e 12 páginas, em duas edições – uma às 4h da madrugada e outra às 11h da manhã –, dizia em seu editorial-programa:

“Surge o Diario de Noticias, num momento que bem se poderia chamar de convalescença da alma nacional. Sacudida, ainda no primeiro período deste ano, pela campanha presidencial mais alentadora de quantas já se feriram, no cenário político do Brasil (...).

O Diario de Noticias, livre de qualquer compromisso político, e sem dependências financeiras que lhe tolham a atuação em prol da coletividade, não pode ocultar, no entanto, que o programa de combate às candidaturas oficiais, no recente pleito presidencial, transformado pela fraude e a compressão, em mais uma triste paródia de democracia, refletiu fielmente as aspirações e verdadeiramente correspondeu aos altos interesses brasileiros. Pela primeira vez, entre nós, o programa de uma campanha presidencial foi imposto pela Nação ao que pretendia ser o seu candidato contra o do oficialismo dominante. O voto secreto – e nós diríamos também obrigatório – como base de uma expressão menos falseada do sufrágio universal, a reconstrução financeira, como o saneamento da nossa moeda e sem os artificialismos de uma reforma cujo fracasso já se evidenciou de sobejo; o amparo à lavoura, conside-

rados sem exclusivismos regionais os produtos realmente ponderáveis na economia do país; reformas de ensino, em moldes modernos e ditados por uma observação exata do ambiente nacional, da justiça para que ela se deliberte dos imperativos dissolventes da politicalba; reorganização das forças armadas, sem preocupações que as nossas tradições de pacifismo excluam, mas as nossas responsabilidades nas diretrizes políticas do continente impõem; legislação do trabalho, correspondendo aos reclamos da sã justiça social, visando à melhoria dos que tudo produzem, mas fugindo a preconceitos doutrinários cujo extremismo nos levaria à dissolução; respeito às liberdades públicas, entre as quais não é a menos acatável a de imprensa; — tudo isso, que os chamados liberais, organizados para a disputa da presidência, incluíram no seu programa, não é senão um reflexo da vontade nacional em marcha para realizações cujo advento não está remoto e pelo qual o Diário de Noticias se baterá, conscientemente, sem subordinações partidárias, antes pairando acima dos partidos e divergindo deles, quando isso julgar necessário, para melhor servir à Nação.”

No início de seu governo, com a centralização do poder, Vargas iniciou a luta contra o regionalismo. A administração do país tinha que ser única e não, como ocorria na República Velha, dividida pelos proprietários rurais. Apesar da crise mundial resultante do *crash* de 1929, houve, no Brasil, uma aceleração do desenvolvimento industrial assim como da urbanização. Com o progresso da industrialização, a classe operária cresceu muito. Vargas, com uma política de governo dirigida aos trabalhadores urbanos, tentou atrair o apoio dessa classe que era fundamental para a economia, pois tinha em mão o novo motor do Brasil: a indústria.

Além de viver uma campanha presidencial, o Brasil fora atingido pela crise da quebra da Bolsa de Nova York, que comprometeu o comércio mundial. Alegando defender os interesses da cafeeicultura, o presidente Washington Luís, paulista, lançou o governador de São Paulo, Júlio Prestes, pela Concentração Conservadora, como candidato à sua

sucesso. Ao indicar outro paulista, rompeu com as regras da política do “café-com-leite”, pela qual mineiros e paulistas se alternavam à frente do governo. Em represália, o PRM (Partido Republicano Mineiro) passou para a oposição, formando, com outros estados, a Aliança Liberal, e lançando o governador gaúcho Getúlio Dornelles Vargas para a presidência e o paraibano João Pessoa como vice.



Arquivo Biblioteca Nacional

Primeira página da primeira edição do *Diário de Notícias*: 12/6/1930.

A Aliança Liberal, liderada por Getúlio, era o maior partido de oposição ao Partido Republicano de Washington Luís. Mesmo sendo apoiado por muitos políticos influentes na Primeira República, como os ex-presidentes Epitácio Pessoa e Artur Bernardes, seu programa apresentava um certo avanço progressista: jornada de oito horas, voto feminino, apoio às classes urbanas. Foi muito influenciada pelo tenentismo, movimento de jovens militares que defendia a moralização administrativa e cujo *slogan* era: “Representação e justiça”.

O programa da Aliança Liberal continha reivindicações básicas de forças democráticas de todo o país, como a defesa do voto secreto e da Justiça Eleitoral. Nas eleições de 1930, entretanto, a Aliança foi derrotada pelo candidato republicano Júlio Prestes. Mas, usando como pretexto o assassinato do aliancista João Pessoa, presidente da Paraíba, por um simpatizante de Washington Luís, Ge-

tulio Vargas e seus partidários organizaram um golpe que, em outubro de 1930, tirou Washington Luís do poder.

O *DN* tudo registrava e, no dia 3 de outubro, citou “boatos de perturbação da ordem em Belo Horizonte” e, no dia 4, que essas perturbações também se verificavam no Rio Grande do Sul. No mesmo dia, Orlando Dantas e outros diretores de jornais foram intimados a se apresentar à polícia, a fim de receberem instruções. No dia seguinte, foi decretado o estado de sítio. O jornal foi obrigado a trocar, na manchete, a expressão “O movimento revolucionário” por “A situação que atravessa o país”. Mesmo assim, num ato de rebeldia, alertava os leitores, num quadro na primeira página:

“Desde sábado último, embora mantendo o número habitual de páginas, o noticiário desta folha não tem abrangido todos os fatos ocorridos nesta capital e no interior do país. Ainda ontem, isso aconteceu com as nossas edições, notadamente a das 11h, cuja circulação foi retardada em virtude de restrições que a este jornal impõe a situação.”

Chefiada por líderes aliancistas e tenentistas, a revolta foi articulada entre o Sul e o Nordeste e teve o apoio de diversos estados. Começou no Rio Grande do Sul, em 3 de outubro, sob o comando de Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha e Góis Monteiro. Em seguida, irrompeu no Norte e Nordeste, tendo como líder o tenentista Juarez Távora. Sem encontrar resistências, colunas revolucionárias avançaram sobre o Rio de Janeiro, onde os ministros militares se anteciparam ao movimento e, em 24 de outubro, depuseram Washington Luís. A manchete do *DN* anunciava:

“As forças de terra e mar, que vinham apoiando o sr. Washington Luís, retiraram esse apoio, constituíram-se em Legião Pacificadora do Brasil e destituíram o governo.”

No dia 3 de novembro, Getúlio chegou à capital e assumiu a chefia do Governo Provisório. Nomeou interventores nos estados, mas teve problemas para acomodar os interesses das forças que o apoiavam, compostas por grupos oligárquicos, setores do empresariado industrial, pela classe média e pelo tenentismo. Isto retardou medidas político-institucionais, como a prometida convocação de Assembléia Constituinte, gerando denúncias e manifestações públicas, algumas das quais se transformam em revoltas, como a Revolução Constitucionalista de 1932.

Orlando Dantas, um patriota



Em 1945, Orlando Dantas, o fundador do *Diário de Notícias*, é retratado por Mendez, um dos grandes chargistas da época.

A partir do fim de outubro de 1930, a vendagem do *Diário de Notícias*, que ficou conhecido como “o jornal da Revolução”, aumentou. A tiragem, dos iniciais seis mil exemplares, passou para 168 mil. As (agora) quatro edições esgotavam-se rapidamente. Os efeitos da Revolução, entretanto, demoraram a aparecer. A nova Constituição só foi aprovada em 1934, sob forte pressão social. Mas a estrutura do Estado brasileiro modificou-se profundamente depois de 1930, tornando-se mais ajustada às necessidades econômicas e sociais do país. O regime centralizador, por vezes autoritário, da era Vargas estimulou a expansão das atividades urbanas e deslocou o eixo produtivo da agricultura para a indústria, estabelecendo as bases da moderna economia brasileira.

O filho de Orlando Dantas, João Ribeiro Dantas, mais tarde também diretor do jornal, relembra a figura do pai e a criação do *Diário de Notícias*:

“Meu pai nasceu em Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, indo mais tarde viver em Recife, para onde sua família havia se transferido. Perdeu o pai aos 14 anos de idade e teve de parar os estudos e ir trabalhar no comércio, no balcão de um armazém de tecidos. Tinha grande aptidão para o comércio.

Aos 17 anos, resolveu trabalhar por conta própria. Fundou, em Recife, o escritório de representações Dantas & Duarte e começou a cogitar da criação da primeira fábrica de pneumáticos e artefatos de borracha do país. Com esse intuito, aos 22 anos de idade, sem falar inglês, viajou para os Estados Unidos para visitar fábricas e conversar com engenheiros especializados. Infelizmente, a Câmara dos Deputados recusou a verba solicitada para esse fim, mas meu pai não desanimou. Em pouco tempo tornou-se agente geral das máquinas de escrever Underwood para oito estados brasileiros, de Sergipe ao Maranhão.

O jornalismo, entretanto, o atraía. Fundou, ainda em Recife, o jornal Diretório Comercial Brasileiro, com circulação em todo o Nordeste. Veio para o Rio em 1922 e aqui dirigiu a Revista Comercial e Industrial. Quatro anos depois, foi convidado para ser diretor de publicidade de O Jornal, dos Diários Associados. Em São Paulo, com Rubens Amaral e Oswaldo Chateaubriand, fundou o Diário de São Paulo.

Chegou a pensar em comprar o Diário Carioca, mas a idéia não prosperou e papai resolveu fundar o Diário de Notícias, com 50 contos de réis e outros acionistas: Diniz Júnior, Figueiredo Pimentel. Depois, ficou sozinho.

O Diário de Notícias foi fundado no dia 12 de junho de 1930; em outubro, veio a revolução. Foi o único jornal que apoiou Getúlio Vargas, mas logo se desencantou.

Sua linha era eminentemente voltada para a classe média: servidores públicos, civis e militares, juízes. O Correio da Manhã, seu concorrente, era um jornal de elite. O Diário era um jornal patriota, interessado nos problemas nacionais. O editorialista era Alves de Souza, ferrenho adversário de Getúlio, antigo diretor e proprietário de O Paiz, jornal que havia sido incendiado no dia da queda do presidente Washington Luís. Alves de Souza pouco vinha à redação, trabalhava em casa, mas conversava diariamente, por telefone, com meu pai.”

O Diário e Getúlio: do apoio ao desencanto

O *Diário de Notícias* saudou a queda de Washington Luís em 24 de outubro de 1930, mas acolheu, com reservas, a Junta Militar que assumiu o governo. Ocupando toda a primeira página da edição do dia 25, trazia uma alegoria a Juarez Távora, cercado pelos líderes vitoriosos do movimento, e chamava-o de “alma da revolução”. No editorial “Visão do Momento”, advertia:

“(…)

Assim terminou a luta armada e uma junta constituída de militares e civis responderá pelo governo do país, até que, presente Juarez Távora e levado ao Catete nos braços do povo, tenha início a execução do programa revolucionário.

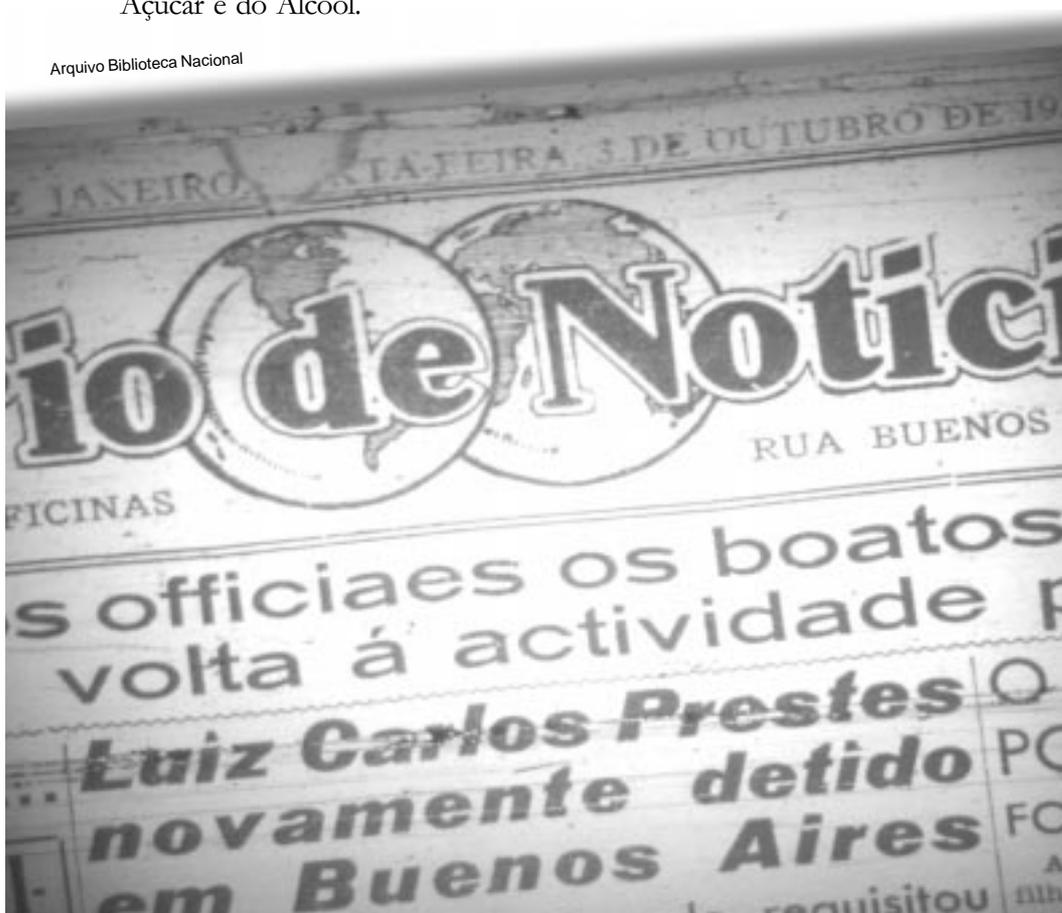
Até lá, o povo esteja calmo, mas vigilante. A hora despudorada dos legaleiros de ontem e fingidos revolucionários de hoje, insinuou-se na confiança de alguns dos atuais detentores do poder, pensando que constituirá o assalto aos cofres nacionais solapando os alicerces da Segunda República. E é mister evitar que isso aconteça. A Revolução se fez para a redenção do Brasil e não para o benefício dos Tartufos e Gargântuas.”

O jornal deu um crédito de confiança a Getúlio Vargas quando este assumiu o Governo Provisório no dia 3 de novembro de 1930, mas não abandonou a posição vigilante. O presidente passou a governar por meio de decretos-leis, o Congresso Nacional e as assembléias estaduais e municipais foram fechados, os governadores depostos e a Constituição de 1891 revogada. Logo começaram os desentendimentos entre os grupos que tinham participado da Aliança Liberal. Uma das principais divergências foi sobre o tempo de duração do Governo Provisório. Alguns

queriam o retorno imediato da ordem democrática, enquanto outros achavam que esta só deveria ocorrer após a instituição das reformas sociais.

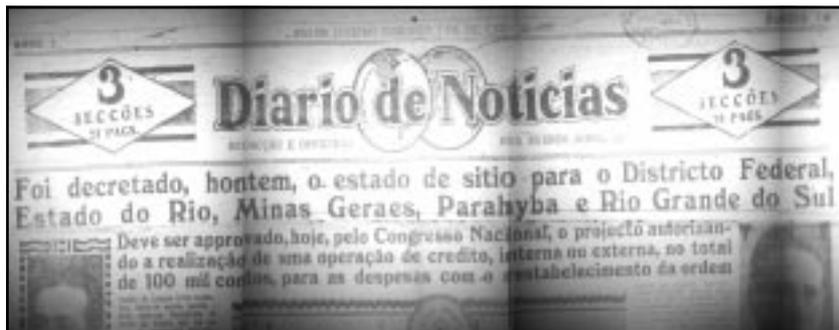
As primeiras medidas adotadas pelo Governo Provisório foram intervencionistas e centralizadoras. Entre elas estava o sistema de Interventorias, importante instrumento de controle do poder central na política local. Os governadores deixaram de ser eleitos e, em seu lugar, eram nomeados interventores escolhidos pelo presidente da República e a ele diretamente subordinados. No campo econômico, foi criado o Conselho Nacional do Café (CNC) e, depois, o Departamento Nacional do Café (DNC), visando retirar de São Paulo o controle da política cafeeira. Foram criados ainda o Instituto do Cacau e o Instituto do Açúcar e do Alcool.

Arquivo Biblioteca Nacional





Arquivo Biblioteca Nacional



Nos dias 3, 4 e 5/10/1930, o *DN* noticia a marcha da Revolução, dos primeiros “boatos” ao estado de sítio em diversas regiões do País. Mas o interesse cultural não é perturbado: dia 4/10, a par da Revolução, e em destaque, a entrevista com o cantor russo Fédor Chaliapine.

Ainda em 1930, no dia 14 de novembro, o *Diario de Noticias* advertia:

“Hoje, que o sr. Getulio Vargas passou da resistência oposta à tirania, à chefia da República, é oportuno divulgar, de novo, a sua plataforma, porque nela está traçado o programa que o ilustre brasileiro prometeu cumprir no governo.”

O “programa” do *Diario de Noticias* para 1931 foi apresentado no primeiro dia do ano e ocupava toda a primeira página. Com 19 itens, pedia a revogação das leis antidemocráticas, a reforma educacional, a instituição de um Código Nacional de Educação, a reforma da Justiça, uma nova divisão dos estados, a construção da

nova capital no Planalto Central, a defesa da indústria e do funcionalismo público e outras reformas. Em primeiro lugar estava, entretanto, a convocação de uma Assembléia Constituinte.

Na área social, ainda em 1930, haviam sido criados o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e o Ministério da Educação e Saúde Pública; e de 1931 até 1934 foram promulgados diversos decretos e leis de proteção ao trabalhador, como a jornada de oito horas, a regulamentação do trabalho da mulher e do menor, a lei de férias, a instituição da carteira de trabalho e o direito a pensões e aposentadorias. O governo, entretanto, resistia à idéia da reconstitucionalização.

O ano de 1932 foi marcado por agitações. Pressionado, o governo editou o Código Eleitoral, com a instituição da Justiça Eleitoral e a adoção do sufrágio universal. A Assembléia Nacional Constituinte, que iria ser convocada, teria, além dos parlamentares eleitos pelo voto direto, participantes das associações de classes. No dia seguinte à decretação do Código, a sede do *Diário Carioca*, no Rio de Janeiro, foi depredada por simpatizantes do tenentismo¹, provocando nova crise no governo com o pedido de demissão de ministros e auxiliares diretos do presidente. O *Diário Carioca* ataca com veemência os “tenentes” que, segundo o jornal, estavam investidos “nos cargos mais importantes, estando com a faca e o queijo na mão”. O próprio diretor do *DC* na época, Macedo Soares, havia participado da fundação do Clube 24 de Fevereiro, criado em 16 de fevereiro de 1932 para defender a reconstitucionalização do país e se opor ao Clube 3 de Outubro, a mais importante associação tenentista. Em revanche, alguns meses depois, em São Paulo, foram depredadas as sedes dos jornais *A Razão* e *Correio da Tarde*, favoráveis a Vargas.

1 Movimento político desencadeado durante a década de 1920 por jovens oficiais, a maioria tenentes e capitães, em oposição ao governo e à alta oficialidade, que defendia os interesses da oligarquia. Após a Revolução de 30 e a deposição de Washington Luís, uma parte dos tenentes, integrantes da Aliança Liberal, acabou compondo com o governo, enquanto outra prosseguiu com suas metas revolucionárias e radicais, que desembocariam no levante comunista de 1935.

Em julho, eclodiu em São Paulo a Revolução Constitucionalista, a maior guerra civil vivida no país. Os paulistas exigiam o fim imediato do regime ditatorial e maior autonomia para São Paulo. Dias antes de o movimento eclodir, o *DN* já vinha noticiando as divergências surgidas entre o presidente e os estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo. No dia que a revolução estourou, 9 de julho, a manchete foi a cópia de um telegrama, “São Paulo está calmo..”, em que as reticências diziam o que não podia ser dito. A população, em massa, aderiu à revolução que durou três meses. Os paulistas foram derrotados, seus principais líderes presos e exilados, mas o movimento provocou uma reorganização do cenário político.

Em 15 de novembro de 1933, o *DN* saudou a instalação da Assembléia Nacional Constituinte, com uma nota de quatro colunas na primeira página:

“Foi o Diário de Notícias, com efeito, o primeiro jornal que reclamou da reconstitucionalização, e o fez numa emergência particularmente difícil, quando a idéia de volta aos quadros legais se chocava perigosamente com as claras tendências da ditadura a permanecer indefinidamente na entronização do triunfo revolucionário. O nosso primeiro brado teve, entretanto, irrecusável repercussão. A despeito de tudo, a idéia fez caminho e, vencendo estorvos sem conta, culminou, enfim, na realidade de agora, que não podemos deixar de contemplar com a emoção de um nobre orgulho, porque nela se espelha uma vitória memorável, incontestável e indisputável do Diário de Notícias e da opinião brasileira.”

Em face das duas candidaturas à presidência, Borges de Medeiros e Getulio Vargas, o *Diário* ficou com o primeiro, mas foi Vargas quem se elegeu. Começou assim mais uma fase do jornal na oposição, assumida em sua primeira página:

“As portas do Palácio Tiradentes cerraram-se, ontem, melancolicamente, após a fragorosa vitória alcançada pelo sr. Getúlio Vargas como candidato de si mesmo à própria sucessão constitucional da República. E cerraram-se de modo a cortar todas as ilusões e a deixar a mais dolorosa decepção, a mais justificada repulsa e a mais incontida indignação contra os miseráveis processos políticos, a inquietar, a deprimir e a arruinar o Brasil!”

Um ano depois, São Paulo, à frente de outros estados, lançou o nome de Armando Salles de Oliveira à presidência da República, candidatura apoiada pelo partido adversário de Vargas, União Democrática Nacional (UDN) e pelo *Diário de Notícias*. Seu opositor, José Américo de Almeida, foi lançado por Benedito Valadares, governador de Minas Gerais, e tinha o apoio do próprio Getúlio Vargas.

As eleições se aproximavam, mas o clima no país estava tenso. Pressionado pelo governo e pelos militares, o Congresso decretou o estado de sítio e o estado de guerra, sendo fechados partidos e sindicatos. Na edição de 4 de novembro, o *Diário de Notícias* publicou declarações dos ministros militares e do próprio presidente da República desvinculando o estado de guerra da eleição e garantindo a tranquilidade: “Em caso algum, esse ‘estado de guerra’ está ligado à eleição presidencial, que continuará normalmente seu curso”, dizia Getúlio.

Uma semana depois, entretanto, apresentando como pretexto a falência dos partidos políticos e o perigo da infiltração comunista, o discurso do presidente mudou, ao explicar o golpe que o manteria no governo, dando início ao período conhecido como Estado Novo:

“(…)

Em tais circunstâncias, a capacidade de resistência do regime desaparece e a disputa pacífica das urnas é transportada para o campo da turbulência agressiva dos choques armados.

(…)

Quando as competições políticas ameaçam degenerar em guerra civil, é sinal de que o regime constitucional perdeu o seu valor prático, subsistindo, apenas, como abstração. (...)

Foi durante o Estado Novo que Vargas aprofundou sua incompatibilidade com a imprensa e criou uma imagem negativa junto aos intelectuais e jornalistas, já que a nova Constituição, decretada em 1937, abolia a liberdade de expressão e pensamento. Mas foi no dia 2 de dezembro de 1939 que a política midiática getulista tomou forma definitiva com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), poderoso órgão de regulamentação que respondia diretamente ao presidente da República. A maioria dos jornais, com poucas exceções, aderiu à nova ordem estabelecida por Getúlio e acatou a censura. O *Diário de Notícias* limitou-se a reproduzir o discurso do presidente e o texto da nova Constituição. Orlando Dantas foi preso por ordem de Filinto Müller, chefe de polícia do governo, “a título de advertência”, fato que o diretor do jornal considerou “uma honra”. Foi o único jornalista preso na ocasião. Com Getúlio, Orlando Dantas e seu jornal passaram por diversos momentos difíceis, mas resistiu a todas as tentativas de compra do *Diário de Notícias*, mesmo durante graves dificuldades financeiras. Foi ele mesmo que contou, mais tarde:

“Na primeira metade da nossa vida, aqui esteve um jovem político, amigo de Getúlio, empenhado em comprar este jornal, oferecendo três mil contos pelas minhas ações. Mais tarde, já na segunda metade, houve quem nos trouxesse oferta bem melhor – de 25 milhões de cruzeiros. Nada me interessou – e nenhuma dessas ofertas me interessará no futuro, pois o Diário de Notícias é, hoje, uma realização que não pode ser enfraquecida, desviada ou extinta pela simples ambição dos homens de dinheiro.”²

2 In: LEITÃO, César. *Apontamentos históricos do Diário de Notícias*.

Antes de serem impressos, todos os jornais eram submetidos aos censores, que podiam cortar ou modificar o conteúdo. Os jornais que se rebelaram sofreram intervenção como *O Estado S. Paulo*, *A Noite* e *A Manhã*. O *Correio da Manhã*, adesista a princípio, rompeu a censura com a entrevista de José Américo de Almeida, feita por Carlos Lacerda. Na opinião de alguns historiadores, essa entrevista deu início à derrubada do Estado Novo, que terminou oficialmente em 1945, com a queda de Vargas.

O filho de Orlando Dantas, João Dantas, relembra as dificuldades passadas pelo jornal durante o primeiro governo Vargas:

“O Diário de Notícias passou por todas as injunções do governo Vargas, o que não se traduziu apenas pela censura. A rotina era a cooptação. Por intermédio de Lourival Fontes, diretor-geral do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), ofereciam uma mesada de 20, 30 ou 40 mil-réis aos jornais, que foram divididos por categorias. A publicidade de órgãos como o Banco do Brasil, os institutos e outras repartições, em vez de ser enviada diretamente aos jornais, passou a ser centralizada no DIP que, por sua vez, dava os anúncios e avisos apenas aos veículos de sua escolha. O Diário de Notícias foi o único a não aceitar a subvenção e pagou por isso. Além da censura do noticiário ou da proibição de editoriais de crítica a atos do governo, o DIP ainda encaminhava aos jornais tópicos que estes deveriam inserir em suas colunas, o que o DN nunca aceitou.

A primeira medida contra foram as restrições nessa publicidade oficial. Havia ainda as ameaças de corte do papel – a importação era controlada pelo governo – que, entretanto, nunca se materializava. Meu pai era contra os cassinos e a exploração das loterias por particulares, uma tradição que manteve. O Diário de Notícias iniciou uma campanha contra a renovação do contrato da Loteria Federal, cujas cláusulas beneficiavam exageradamente os concessionários, em detrimento dos interesses do Tesouro. Em 1940, meu pai decidiu impedir a publicação, no jornal,

de anúncios de três famosos cassinos da cidade, iniciando também uma campanha contra o jogo.

Getulio foi deposto de 1945. Assumiu o general Eurico Gaspar Dutra, mas a corrupção continuou. Meu pai foi ao presidente denunciar o sindicalismo patronal. Como consequência, os sindicatos tiveram de prestar contas.”

Mas João Dantas lembra também os momento de glória do jornal. Entre eles, o Prêmio Maria Moors Cabot:

“Em 19 de novembro de 1948, o Diario de Noticias recebeu o Prêmio Maria Moors Cabot, oferecido pela Universidade de Colúmbia a veículos de Comunicação que tivessem se distinguido em prol da paz, da democracia e da civilização. Em 4 de julho de 1938, data comemorativa da Independência norte-americana, o Diario iniciara a publicação de vinte suplementos, de seis páginas cada, em dias consecutivos, com matérias, entrevistas, artigos e documentação fotográfica sobre a história, a literatura, a economia e outros aspectos daquele país. As publicações despertaram tal interesse que o jornal resolveu transformar os suplementos em um livro. O prêmio foi recebido por meu pai das mãos do general Dwight Eisenhower, que viria a ser presidente dos Estados Unidos. Infelizmente, ainda em Nova York, meu pai adoeceu e foi internado. Dois anos depois, em viagem com a família pela Europa, seus sintomas se acentuaram. Ao regressarmos, fui para Santiago, no Chile, de onde enviei artigos para as campanhas pró-divórcio e ‘o petróleo é nosso’.

Quando Getulio voltou ao poder, em 1950, o Diario manteve-se na oposição. Mesmo assim, foi o único jornal a publicar o inquérito Miguel Teixeira, na íntegra, sobre corrupção no governo Dutra, envolvendo o Banco do Brasil e grandes empresários. Era, acima de tudo, um jornal independente. O próprio Getulio sabia que só podia contar com ele.”

As dificuldades financeiras do jornal, entretanto, continuavam, mas, mesmo assim, Orlando Dantas não se desviava de seus princípios éticos. Além da guerra ao jogo, em junho de 1948, recusou

dois contratos de publicidade – um do Sesi e outro do Sesc –, por discordar da administração financeira dos dois órgãos, chegando a levar os seus motivos, pessoalmente, ao então presidente Eurico Gaspar Dutra.

Em 1951, ao rejeitar uma vultosa proposta de venda do jornal, Orlando Dantas assim escreveu:

“Este jornal, fundado por mim há 21 anos, não pode e não deve ser vendido. Seria transferir a outras mãos o instrumento de que me tenho valido para cooperar, com homens de boa-fé e patriotismo, no trabalho insano, quase desalentador, de ajudar o nosso país a reerguer-se e retomar com urgência os caminhos mais acertados, mais justos e mais sérios, nesse reajustamento que aí está por fazer com o objetivo de aperfeiçoar e melhorar a vida pública do país, defendendo o regime democrático e os supremos interesses da coletividade brasileira.

Este jornal tem esse objetivo e dele de nenhum modo se afastará.

Não quero vender o meu jornal, cuja vida, nos primeiros anos, tanto nos custou em lutas memoráveis para vencer os empecilhos de toda ordem, que tive de enfrentar, sobretudo os de ordem material, que parecia se haverem reunido para impedir a minha ação e pôr fim à prosperidade do Diário de Notícias.

Ele aí está, entretanto, na mais nobre missão que poderia ter, qual a de colocar-se, sinceramente, em todos os sentidos, ao lado dos verdadeiros interesses do povo.”³

3 Id. *Ibid.*

O difícil equilíbrio entre amizade e profissionalismo

Durante 37 anos no *Diário de Notícias*, o jornalista Fernando Segismundo exerceu diversas funções importantes na redação, de responsável pela página educativa a editorialista. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito, na Rua do Catete, lá foi colega e se tornou amigo de Alzira Vargas, filha de Getúlio Vargas e, por seu intermédio, se aproximou do presidente.

Como técnico em Educação concursado, ficava lotado na Rádio MEC, ou no Ministério da Educação, que na época era na Cinelândia, e também na Presidência da República. Às vezes, o presidente o chamava ao Catete, e lhe perguntava: “O senhor poderia me fazer a gentileza de visitar o meu pai, em Bagé, e levar-lhe estas caixinhas de presente?” Getúlio pagava as passagens e Segismundo foi muitas vezes a Bagé nessa missão afetiva. Nunca soube o que as caixinhas continham. Na volta, sempre, a mesma pergunta de Getúlio: “Então, como está o pai? Está melhor do que da última vez que o senhor o viu, ou está pior?”

Apesar de ser funcionário do MEC e de privar da intimidade do presidente da República, Segismundo era, ao mesmo tempo, jornalista do *Diário de Notícias*, jornal que sempre combateu duramente o governo Vargas. A direção do jornal sabia de sua amizade com Getúlio, e Getúlio sempre soube das funções importantes que ele exercia no *Diário de Notícias*. Mas nem o presidente nem a direção do jornal sequer aludiam ao assunto. Cavalheirescamente, os dois lados respeitavam e confiavam em Fernando Segismundo. É ele quem conta:

“Entrei no jornal muito cedo, eu era um jovem de aproximadamente 18 anos. Orlando Dantas, então com trinta e poucos anos, era o diretor. Eu era estudante e escrevia no jornal A Pátria, fundado por João do Rio. Orlando

Ribeiro Dantas, que criou o DN com o educador Nóbrega da Cunha, era um empreendedor, um verdadeiro self-made man, no estilo americano. Por isso é que o Diário de Notícias foi simpático aos americanos, ao estilo de vida americano. O DN sempre teve o apoio dos EUA, até financeiro, e das empresas americanas. Um dia até publicou um livro – o único que publicou – intitulado Brasil-EUA, no qual se mostrava como o Brasil poderia importar, e adaptar, o que o modelo americano tivesse de melhor. Mas, naquela época, o predomínio dos EUA ainda não era total, como veio a ficar depois do movimento militar de 1964, e permitia a existência de muitas brechas nacionalistas. Era isso que possibilitava ao DN manter essa posição aparentemente contraditória, – de apoio aos EUA, mas temperada por um forte nacionalismo. Foi por isso que o jornal um dia recebeu o prêmio de imprensa Maria Moors Cabot, entregue a Orlando Dantas por Eisenhower. O prêmio era atribuído aos órgãos de imprensa que apoiavam uma linha democrática, simpaticizante dos EUA. Não significava dinheiro, apenas prestígio.

Orlando era um homem sério, íntegro, de princípios. Tinha grande tino empresarial, intuição, grande senso de realidade, pé no chão, e muita habilidade financeira, para realizar negócios, ganhar dinheiro. Inteligente, aprendeu inglês sozinho, sem professor. A essas qualidades acrescentava esta: era também um grande idealista. Daí o fato de o DN ter sido sempre um jornal nacionalista, nas mais diversas circunstâncias.

Na redação, Orlando Dantas era conhecido como o homem termômetro, sempre afinado com o estágio que país estivesse atravessando, fosse na área industrial, comercial ou cultural. Tinha espírito político, é claro, mas não era um político engajado, nunca pertenceu a partido algum. Era por temperamento um democrata-liberal, de centro-direita moderada. A família Dantas não era propriamente uma família política. De todos os que dirigiram o Diário de Notícias – ele mesmo, depois sua esposa, dona Ondina, e seu filho João – ele era o mais nacionalista de todos.

Mais do que um interesse pelos Estados Unidos, Orlando Dantas tinha interesses pan-americanistas e iberistas, – ele e toda a família. Era homem de diálogo, atento a tudo o que dizia respeito ao seu jornal. Lia cuidadosamente

todos os editoriais, sempre pedia vários, pelo menos uns três, a diversas pessoas, e depois escolhia o que lhe parecesse mais adequado. Às vezes, pedia a um redator que fizesse outro editorial, mesmo que fosse tarde da noite: uma vez ele me mandou pegar em casa, de automóvel, para redigir novo editorial na oficina. Eu perguntei: 'O que você quer que eu escreva'? Ele me respondeu: 'Você sabe o que deve escrever'. Orlando tinha confiança nos seus redatores. Que eu saiba, nunca escreveu, ele mesmo, um editorial, mas sabia muito transmitir ao redator o que ele desejava que fosse dito.



Criada no começo dos anos de 1960, por dona Ondina Dantas, a *Revista Feminina* foi a primeira publicação do gênero, no Brasil. Saía aos domingos, encartada no jornal.

O Diário de Notícias foi fundado para ser um jornal dirigido à classe média, classe média alta – isto é, uma classe média de orientação udenista, bem à direita. A linha doutrinária do jornal era dada por pessoas como o deputado Otávio Mangabeira, da velha UDN, que fazia a cabeça dos Dantas, da mesma forma que o deputado, também da UDN, Adauto Lúcio Cardoso, Osório Borba, um ex-deputado pernambucano culto e inteligente, grande jornalista, muito satírico, que escrevia editoriais excelentes, o brigadeiro Eduardo Gomes, e o intelectual (de direita, por certo) Eduardo do Prado Kelly.

Logo no começo, quando o Diário de Notícias foi fundado, a maioria dos editoriais era escrita fora, por um personagem meio misterioso, que não víamos nunca, chamado Alves de Souza. Tinha sido o dono de um importante jornal carioca, O Paiz. Era bem curioso: um office-boy ia pegar os editoriais na casa desse jornalista, voltava, não se falava mais no assunto. A maioria das pessoas da redação nem conhecia pessoalmente o Alves de Souza.⁴

Entre os editorialistas da casa, além de Osório Borba, já referido, também estavam Heráclio Salles, que tinha um texto excelente. Heráclio era um homem cultíssimo, trabalhava muito, em vários jornais, estava sempre lendo. Um dia eu lbe perguntei como conseguia tempo para tudo. “Remédios, remédios para afastar o sono, receitados pelo meu médico” – respondeu. Ele tinha uma família numerosa, por isso trabalhava tanto. Morreu cedo. Eu mesmo escrevia editoriais. E também escreviam editoriais alguns militares, militares ilustres, que iam até a redação. Sim, porque o DN era um jornal de militares, sempre foi. Houve uma época em que ocorreu uma ruptura entre o DN e os militares, e então os militares passaram a imprimir seus próprios jornais, nos quartéis. Foi um baque para o jornal, que perdeu muitos leitores.

Na verdade, o Diário de Notícias adotou essa linha desde sua fundação. Primeiro apoiou a Revolução de 30 e Getúlio Vargas. Mas logo se retirou, uns oito dias depois, sob a alegação de que Getúlio se afastara de um ideário mínimo compatível com a linha do jornal, e defendeu a posse de Juarez Távora, em vez de Getúlio.

4 Alves de Sousa morreu em 1943.

O DN, salvo nesse pequeno período, sempre atacou Getúlio, tanto durante a ditadura quanto depois que ele voltou, pelo voto. Nunca deu refresh. Mas o curioso é que o jornal jamais foi molestado. Um dia, Orlando Dantas foi preso no Dops, ficou umas duas ou três horas, sem Getúlio saber. Logo que soube, o presidente mandou soltá-lo.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo, então, era alvo dos ataques constantes do DN. Na redação ficava sempre um militar ou um policial de plantão. Nós o ignorávamos, a menos que ele pedisse para ver o editorial. Se ele mandava cortar alguma coisa, claro, tínhamos que cortar. Nós manevrávamos no tom dos editoriais. Escrevíamos só o que era possível. A norma era: atacar sem machucar muito, aproveitando as brechas...

Um dia, ponderei a Orlando Dantas que Getúlio poderia ter se vingado dos ataques, por exemplo, bastava asfixiar o jornal, cortando o papel para impressão, que naquele tempo vinha todo da Finlândia. Getúlio nunca fez isso. Orlando respondeu só: 'É mesmo'.

Foi devido ao talento empresarial do fundador que o Diário de Notícias, um jornal criado para a classe média alta, se tornou um diário lido por todas as classes sociais. Nunca perdeu de vista os leitores das outras classes. No ano de sua fundação, foram logo criadas equipes de pesquisadores que iam de casa em casa, nos bairros – visitas teleguiadas – para o jornal saber quais as maiores aspirações do povo. O DN jamais perdia o povo de vista, fazia concursos sobre isto ou sobre aquilo, fazia consultas através do voto.

Essa idéia de auscultar o povo foi dada por um popular que lia o DN, e acatada pelo jornal. Uma prova do tal senso prático de Orlando Dantas, de sua capacidade de sentir o momento. Foi assim que o jornal, que ao ser fundado tinha a pequena tiragem de seis mil exemplares, no final de 1930 já editava 168 mil. E, em 1939, superava em tiragem todos os grandes jornais do Rio. Nessa época, por ordem, seus maiores concorrentes: eram o Correio da Manhã, o Diário Carioca e o Jornal do Commercio.

Uma vez pediram que eu escrevesse um editorial contra o general Lott, um homem sério, legalista. Queriam que eu o chamasse de generalote. Eu me

recusei, não faria uma coisa dessas, mas alguém fez. O jornal recebeu a ameaça de que poderia ser fechado.

Embora tenha deixado se envolver pela tentação do golpismo – posição que levou o jornal a atacar, indiscriminadamente, Getúlio, nas duas fases, e depois todo o governo e o de Juscelino Kubitschek – a família Dantas era uma família séria, de princípios, correta. A rigor, não era bem uma família de políticos. Essa obsessão contra qualquer tendência de esquerda era tão grande que um dia eu pensei em fazer uma reportagem com pessoas de esquerda, entre elas, o velho Konder (pai do Leandro Konder), que era do Partido Comunista, para ser publicada como matéria paga. Fiz a reportagem (uma página inteira) e a submeti então a Orlando Dantas. Ele reagiu: ‘Comunistas no meu jornal? De jeito nenhum!’. Ponderei-lhe que se tratava de matéria paga, diagramada como tal, e que o DN poderia escrever um editorial atacando. A princípio, ele resistiu. Mas acabou concordando: ‘Está bem, a gente publica e escreve logo um editorial contra’. Assim foi, o editorial contra saiu no mesmo dia em que a reportagem foi publicada. E Orlando me deu 10% do valor do faturamento...

Também o governo de Juscelino Kubitschek foi duramente atacado pelo Diário de Notícias. Para o jornal, Juscelino não passava de um ‘aventureiro de extrema desenvoltura, um impetuoso, sempre em agitação frenética, inaugurador de obras alheias, megalomaniaco (construção de Brasília) e irresponsável, um politiqueiro do interior, um incapaz’ – tudo!

O jornal incomodava muita gente, como é de se supor. Muitas vezes recebeu propostas de compra, de grupos que queriam calar a boca do DN. Mas Orlando Dantas nunca o vendeu, embora, às vezes, o salário dos funcionários chegasse a atrasar até oito meses...”

O DN prossegue em sua linha

Em 1^o de fevereiro de 1953, a primeira página do *Diario de Noticias* trazia uma tarja de luto e anunciava a morte de seu fundador, Orlando Dantas, aos 57 anos de idade. Na quarta página, o editorial “Liberdade de Imprensa”, escrito quando ainda ele era vivo, reafirmava o compromisso de continuidade de sua obra:

“As franquias que a Constituição nos concede não as consideramos uma dádiva, porém um encargo que sempre honramos no esforço incessante de dizer a verdade, vergastando os erros e pugnando pela defesa da Nação, desgraçadamente tão mal servida ao longo da existência deste jornal.

O Diario de Noticias surgiu de um esforço pessoal, de uma concepção idealista do dever da imprensa, consolidou-se conquistando o apoio do público, mediante uma conduta assim inspirada, manteve-se intransigentemente fiel a esses desígnios, afastando qualquer espécie de limitações diretas ou indiretas à sua independência, e a sua ambição única é honrar essa trajetória.

E essa conquista está assegurada pela instauração, nesta casa, de um espírito de combatividade enrijecido pelo desejo comum de servir ao país acima das conveniências pessoais.

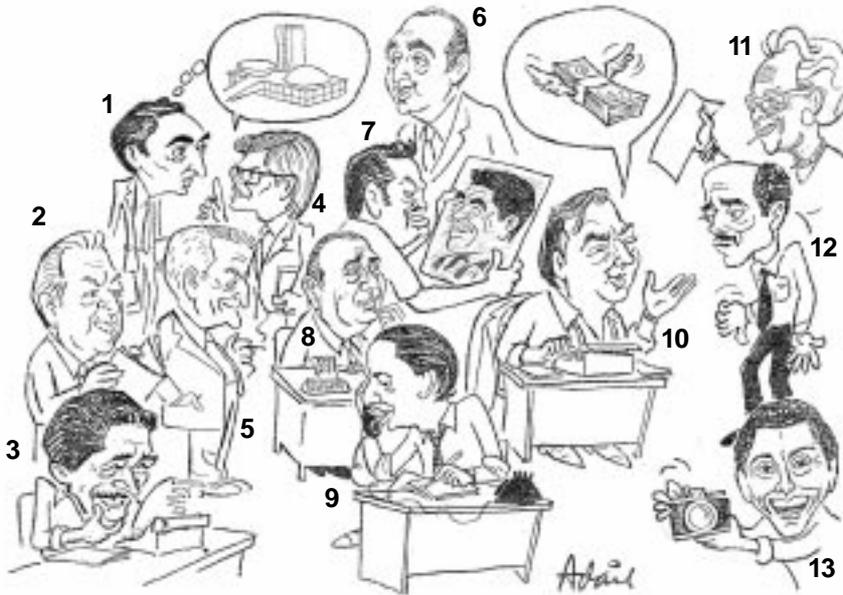
Como entidade de natureza privada, sujeita a contingências humanas, este jornal está exposto a percalços de maior ou menor gravidade, mas como instituição, que já se tornou, de desvanecedora responsabilidade na imprensa brasileira, possui uma solidez que supera essas contingências e não dá ensejo a vacilações.

(...)”

O clima amistoso, tolerante e lúdico na redação do *Diario de Noticias* – apesar das eventuais dificuldades financeiras – é evocado por quase todos os profissionais que por ali passaram. “A redação

era divertida. Tinha até aquela brincadeira de jogar bolinha de papel”, diz. Joaquim Ferreira dos Santos, hoje colunista em *O Globo*: Idalício Manoel de Oliveira Filho, que lá trabalhou cinco anos, na fase final, da rua Riachuelo à rua da Constituição, até o fechamento do matutino, recorda o companheirismo, que supera os dissabores:

“Tudo isso foi compensado pela boa convivência profissional e amistosa com Nilo Dante, Fernando Leite Mendes, Tobias Pinheiro, Raul Giudicelli, Adail José de Paula, Carlos Newton, Jussara Martins, Pomona Politis, Roberto Moura, Carlos Barbalho, Alberto Nunes, Íris Ágata, os diagramadores Manuelzinho e seu filho, o contínuo Cartaxo e muitos outros que a memória não me ajuda a lembrar, agora, quase 35 anos depois.”



1. Edson Lobão; 2. Fernando Segismundo; 3. João Batista Ramos; 4. Mendonça Neto; 5. Maurício Vaitzman; 6. Hélio Rocha; 7. J. C. Heitor (ilustrador, segurando o retrato de Garrincha); 8. José Dias; 9. Gilvandro Gonçalves Gambarra; 10. Fernando Leite Mendes; 11. Eneida; 12. Brito (contínuo); 13. Paulinho (fotógrafo).
Ilustração de Adail José de Paula.

Com a morte de Orlando Dantas, assumiram a diretoria do jornal sua viúva, dona Ondina, e seu filho João Ribeiro Dantas. A jornalista Maria Cláudia Mesquita e Bomfim, em depoimento emocionado, relembra a figura de dona Ondina:



Arquivo Biblioteca Nacional

Morte de Orlando Dantas, o fundador do jornal, em 2/2/1953. À direita, o DN republica a foto em que o general Dwight Eisenhower entrega a Orlando Dantas as insígnias do prêmio Maria Moors Cabot, cerimônia que fora realizada na Universidade de Colúmbia, EUA, em 19/11/1948.

“Não se pode falar no saudoso Diário de Notícias sem lembrar, com a claridade que ela merece, dona Ondina Dantas - a ‘marechala’ do DN, como costumavam chamá-la. Na verdade, havia alguma coisa de quase militar na sua postura ereta, apesar de baixa e cheinha de corpo, no seu andar pisando forte, seu firme aperto de mão (gesto que faltava pouco para virar continência...), seu modo de falar em frases curtas, que seriam ríspidas se ela não fosse naturalmente bem-educada.

Usava aqueles chemisiers de estampadinho miúdo e uns sapatos de salto médio, discretos brincos e colar de pérolas. Os cabelos grisalhos, ondulados, eram cortados bem curtos. Apesar deste perfil meio durão, era uma mulher com uma certa empatia e dignidade, que eu chamaria de elegância de alma.

Dona Ondina podia meter medo aos incantos – eu tinha sido avisada, quando, em 1964, fui trabalhar com ela: ‘ih, cuidado com a marechala, ela é dura de roer!’ Não vou dizer agora que ela era até meiguinha debaixo

daquela carapaça toda – porque não era mesmo. Mas inspirava tanta credibilidade, era tão justa e humana, que não havia como não gostar dela.

Comandava o Diário de Notícias com mão-de-ferro – e aí daquele que tentasse desonrar a memória de seu marido, Orlando Dantas, que lhe deixara o jornal e a tradição de bravura e honestidade. Quase todos os bons jornalistas da época tiveram sua passagem pelo DN, mais ou menos brilhante; inevitavelmente deve haver algum, mas não me lembro de ninguém que tenha saído do jornal ‘brigado’- ou ‘obrigado’.

Com Ana Maria Funke, Teresa Barros e coordenação gráfica de Hugo Dupin, excelente diagramador e uma pessoa muito especial, um boêmio de primeiríssima, com amigos em todas as rodas, fui editora da Revista Feminina, que saía encartada na edição de domingo do DN. Tive também uma seção diária, Diário de bolsa, que mantive até o amargo fim do nosso tão querido jornal

A gente trabalhava sob a marcação cerrada de dona Ondina, que mantinha uma coluna sobre música clássica, sob o pseudônimo D’Or. Ela até que era liberal, nos deixava relativa liberdade: costumava dizer: ‘ou se confia em alguém ou não se confia: Não existe meia-confiança como não existe meia-gravidez...’. Mas não admitia determinados assuntos, como referências a casos escandalosos, sexo explícito, religiões satânicas, sociedades secretas, e... banhos turcos! No entanto, nos deu todo o apoio e aplausos quando resolvemos falar mais sobre gente jovem e sobre o sexo masculino. Lembro-me bem de umas reportagens que fizemos sobre o pensamento da nova geração, e ouvimos um jovem e lindo Leandro Konder – tenho a foto dele até hoje. E Chico Buarque, intraduzível!

Duas outras jornalistas devem também ser lembradas nestes tempos do DN de dona Ondina: Eneida e Pomona Politis. Eneida era o que chamamos de ‘uma força da natureza’: nascida no Pará, com aquela sua cara de neta de índios e bonitos olhos verdes, despertou muitas paixões, foi presa e torturada na ditadura, lançou livros, criou o famoso Baile dos Pierrôs, trabalhou intensamente em jornal até morrer. Era uma lutadora, uma rebelde, uma tenaz defensora dos direitos humanos.

Pomona Politis, a grega que conheci bonitinha e elegante, de luvinhas e coisa e tal, escrevia sobre sociedade e Itamaraty. Dona Ondina gostava de Pomona, achava que ela realizava bem o seu ofício – e comentava suas toilettes, nas raras vezes em que se permitia falar sobre futilidades.

Poderia recordar muitas coisas sobre essa mulher emblemática, que marcou tanto o Diário de Notícias e que representa um exemplo de dureza, mas compreensão; de intransigência, mas respeito ao profissional; com nenhum senso de humor, mas com insuspeita sensibilidade. Dona Ondina Dantas, a ‘marechala’, morreu sem deixar fortuna, apenas nome e lembrança, que são o patrimônio da família Ribeiro Dantas. Apesar de seu jeito brusco e sem grandes afabilidades, eu gostava muito dela – e sei que ela gostava de mim. Tanto que a convidei para ser minha madrinha, quando, no início dos anos de 1970, viúva havia alguns anos, me casei pela segunda vez. Dona Ondina já não tinha jornal e estava doente.”

Em 1951, começou o quarto período governamental de Vargas, que terminou de maneira trágica, com o suicídio do presidente, em 24 de agosto de 1954. Dezenove dias antes, havia ocorrido o assassinato do major Rubens Vaz, num atentado que ficou conhecido como o “crime da Rua Tonelero”. O alvo era o jornalista Carlos Lacerda, feroz adversário de Vargas e diretor do jornal *Tribuna da Imprensa*. As investigações chegaram a Gregório Fortunato, fiel servidor de Vargas, que foi acusado de ser o mentor do crime. O atentado teve, entretanto, várias interpretações, e até hoje persistem pontos nebulosos. Quase toda a imprensa da época pediu a renúncia do presidente. A seqüência começou com o *Diário de Notícias*. “Exige a nação que se façam investigações com energia e os criminosos sejam castigados”, dizia a manchete do dia 6 de agosto.

Os acontecimentos se precipitaram. As Forças Armadas, principalmente a Aeronáutica, posicionaram-se contra a permanência de Getúlio no poder. “Afasta-se do poder o sr. Getúlio Vargas”, era a

manchete do *DN* no fatídico dia 24. O presidente ainda não concordava com a renúncia e mandara publicar a seguinte nota oficial:

“O presidente da República reuniu, hoje, o ministério para o exame da situação político-militar criada no país. Ouvidos os ministros, cada um de per si, foram debatidos longamente os diversos aspectos da crise e suas graves conseqüências. Deliberou o presidente da República, com integral solidariedade dos seus ministros, entrar em licença, passando o governo a seu substituto legal, desde que honrados os compromissos solenemente assumidos perante a Nação pelos oficiais-generais das nossas Forças Armadas. Caso contrário, persistirá, inabalavelmente, no seu propósito de defender as suas prerrogativas constitucionais, com sacrifício, se necessário, de sua própria vida.”

Era como um aviso, e a população recebeu pelo rádio, no mesmo dia, a notícia do suicídio do presidente. Em seu livro *Conversa com a memória – A história de meio século de jornalismo político*, o jornalista Villas-Bôas Corrêa, na época repórter do *Diario de Noticias* e de *A Notícia*, lembra aquela madrugada dramática:

“(…)

A edição do Diario de Noticias foi fechada nas primeiras claridades da manhã, com cobertura consistente, bem apurada, da reunião ministerial e da queda de Getúlio. O jornal formava na linha de frente dos vencedores, com participação significativa e assumida identificação com a vanguarda udenista e com as suas principais figuras, como Otávio Mangabeira, Afonso Arinos, Adauto Lúcio Cardoso, o libertador Coelho de Souza e ligações com fontes em todos os partidos. Inclusive os da oposição.

(…) Na pausa da madrugada, desci os degraus de madeira do velho prédio para enganar a fome com sanduíches de queijo e presunto no botequim da esquina da Rua da Constituição com a Praça Tiradentes. (...)

(…) Enquanto cortava os pães murchos e as fatias de queijo e de pre-

sunto, seu Manuel aproveitou as boas relações com o jornalista, freguês de todas as noites, para colocar em dia as suas informações: afinal, o velho caía ou o bruxo daria mais um dribble nos seus inimigos?

Resumi numa frase conclusiva o resultado de uma noite de telefonemas, conversas, confirmações: Vargas não era mais presidente. Renunciara, apertado pelos militares.

Seu Manuel não resistiu à tentação de exhibir prestígio e berrou para a dezena de notívagos: ‘O amigo jornalista está a informar que o doutor Getúlio foi deposto’.

O boteco despertou para as comemorações improvisadas com goles de pinga e copos de cerveja. Fui cumprimentado como o portador da boa nova. Com o embrulho de sanduíches, refiz os poucos metros de volta à redação, galguei a escada, ruminando a cena e conferindo o seu óbvio significado: o velho ditador estava liquidado, com a popularidade em frangalhos até entre os bêbados das últimas faixas do pecado e do vício. contei o que assistira ao grupo reunido na sala da reportagem política e as reações misturavam espanto com os primeiros sinais de reverência piedosa com o destino cruel do velho, repudiado pelo povo que o resgatara da primeira queda, trazendo-o de volta ao Catete com milhões de votos.

Fui o último a sair. Estiquei a demora relaxando os nervos, lavei o rosto, fazendo hora para emendar com o segundo tempo, em A Notícia. A pé, andando devagar, atravessei a Praça Tiradentes e dobrei a esquina com a Avenida Passos. Logo adiante, do rádio de uma loja, a voz poderosa de Heron Domingues, em edição extraordinária do Repórter Esso, começava a virar a cidade com a notícia do suicídio de Getúlio Vargas e a leitura da carta-testamento.

(...)

E a cidade virou diante de meus olhos de testemunha. Reação instantânea, pipocando em todos os pontos, confluindo para os ataques a jornais de oposição e todos os redutos identificados como inimigos, responsáveis pelo suicídio. (...)”

O vice-presidente Café Filho assumiu. No editorial “O Novo Governo”, de 27 de agosto, o *DN* resumia seus conceitos em relação ao passado, ao presente e ao futuro político do país:



25/9/1954: Suicídio de Getulio Vargas, e Café Filho na Presidência da República.

“(…)

Nossa luta não era contra um homem. Era contra um sistema, contra uma forma de governar, que comprometia o Brasil e envergonhava os brasileiros. (...)

Não nos vinculamos ao governo do sr. Café Filho senão pelos laços que devem unir todos os patriotas em torno do Brasil, que precisa vencer a crise presente à base de dignidade, de interesse, de novos padrões de ética e conduta pública, que a administração recém-inaugurada auspícia.”

Com JK, revoltas e mudança da capital

Com o *slogan* “Cinqüenta anos em cinco” e um audacioso Programa de Metas, o ex-deputado federal, senador, prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira venceu as eleições de 1955. Sua meta-síntese era a transferência da capital federal para o Planalto Central, objetivo conquistado com a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960.

Apenas tomara posse, o presidente Juscelino enfrentou a primeira revolta contra seu governo: dois oficiais da Aeronáutica, o major Haroldo Veloso e o capitão José Chaves Lameirão, em 31 de janeiro de 1956, apoderaram-se de um avião da FAB e voaram para a base de Jacareacanga, no Pará, onde receberam apoio do major Paulo Vítor da Silva. Ao mesmo tempo, por todo o país, oficiais da Força Aérea recusavam-se a obedecer às ordens do ministro da Aeronáutica, major-brigadeiro Vasco Alves Seco.

A rebelião, conhecida com Levante de Jacareacanga, foi dominada em aproximadamente duas semanas. O major Veloso foi preso; o capitão Lameirão e o major Paulo Vítor fugiram para a Bolívia. Juscelino mandou desarmar os revoltosos e, pouco depois, deu anistia a todos eles.

Em 1959, quando já fora promovido a tenente-coronel aviador, Haroldo Veloso tomou parte em outro levante, que ficou conhecido como Revolta de Aragarças⁵. O movimento, que só então eclodiu, vinha sendo articulado desde 1957. O principal líder foi o tenente-coronel João Paulo Moreira Burnier. A finalidade do levante era desencadear um movimento “revolucionário” para remover do poder o grupo que o controlava. A intenção dos rebeldes, que tinham

5 Goiás, 2 de fevereiro de 1959.

o apoio de numerosos oficiais da Aeronáutica e do Exército, era bombardear os palácios Laranjeiras e do Catete, no Rio, e ocupar as bases de Santarém e Jacareacanga (PA), entre outras. A revolta durou apenas 36 horas. Os líderes que, ao verem o levante descoberto, fugiram nos aviões para o Paraguai, Bolívia e Argentina, foram anistiados e retornaram ao Brasil no governo de Jânio Quadros.

No final dos anos de 1960, quando era perseguido pela ditadura militar, JK recebeu no Rio, de surpresa, a visita do já então brigadeiro Haroldo Veloso, que disse ao ex-presidente da República: “Presidente, vim aqui para me penitenciar do meu erro”.

O fotógrafo Campanella Neto, que na época trabalhava no *Diário de Notícias* e no *Mundo Ilustrado*, fez uma foto histórica de um episódio de Aragarças e dá seu depoimento para os CADERNOS DA COMUNICAÇÃO:



Rendição de presos em Aragarças. Foto histórica de Campanella Neto, que deu ao fotógrafo o Prêmio Esso de Fotografia, em 1960.

“No começo de dezembro de 1955, na companhia de outros jornalistas, eu tinha sido convidado pelo senador Remi Archer, presidente do Banco do Nordeste, para viajarmos até Belém, de onde voltaríamos de jipe até Brasília

(pela Belém-Brasília). Embarcamos no Rio, aproximadamente às 11 horas da noite, a bordo de um Super-Constellation da Pan-Air do Brasil.

Quando começava a clarear, um passageiro que conhecia bem aquela linha chamou a comissária de bordo e lhe disse: 'O avião está voando fora da rota normal'. A comissária nos informou que, devido ao mau tempo, o comandante tivera que mudar a rota do avião. Mas o passageiro não aceitou a explicação, disse que conhecia muito bem a linha, e, além do mais, estava um céu de brigadeiro. Apanhada desprevenida, a comissária encaminhou-se para a cabine; logo em seguida, o comandante do Super-Constellation veio nos dizer que era verdade, e que para fugir do mau tempo, à frente, ele tivera que mudar a rota.

Estávamos voando perto de Barreiros, Estado da Bahia. No avião, além dos jornalistas e do senador Remi Archer, voavam mais duas pessoas, o civil Charles Herbar e um militar, o major Eder Teixeira Pinto. Eles haviam seqüestrado o avião (era o primeiro seqüestro de avião do mundo), estavam envolvidos na chamada Revolta de Aragarças, mas os passageiros ainda não sabiam o que estava acontecendo.

Quando o nosso avião pousou numa pista da Aeronáutica, em Aragarças, Goiás, perto da Serra do Cachimbo, não longe de Jacareacanga, eu me encaminhei para a saída do avião, sem a máquina fotográfica. Na saída, a comissária me disse: 'Você está vendo, o avião foi seqüestrado'. Voltei para o avião, peguei na arma [a máquina fotográfica] e descí. Em terra, nos aguardava um grupo de militares, da Aeronáutica e também do Exército, liderados pelo coronel-aviador Haroldo Coimbra Veloso, todos armados. O coronel nos explicou cortesmente que o Brasil estava em revolução, por isso os jornalistas teriam de ficar hospedados por algum tempo num hotel-fazenda próximo, para onde seriam levados em uma jardineira.

Foi aí que eu disse ao coronel Veloso que eu era jornalista do Diário de Notícias, jornal simpático aos militares, dirigido por João Dantas, que sabia de tudo, e que eu precisava informar meu chefe, o Joel Silveira, do que estava ocorrendo. O coronel Veloso disse ok. Então segui para o quarto do

tal hotel-fazenda, e fiquei esperando, enquanto, no mapa, examinava a localização de Aragarças, para me situar.

Passou-se mais de uma hora e meia, nada aconteceu. Comecei a desconfiar de que não permitiriam me comunicar com ninguém. Então, pulei da janela do quarto do hotel, e me dirigi para um rio próximo, que fui margeando, pelo meio do mato, no sentido Aragarças–Barra das Garças, outro povoado ali perto. Quando cheguei perto da cabeceira de uma ponte que ligava os dois povoados, deparei-me com um policial militar, expliquei o que se passava comigo. Eu levava 15 mil Cruzeiros para despesas, dei 7.500 ao policial e ele me deixou passar, mas avisou que na outra cabeceira da ponte estava outro policial.

Eu nem duvidei: quando cheguei perto dele, já lhe estendi os 7.500 Cruzeiros que me restavam, e ele me deixou passar sem problema. Aí procurei o prefeito local, chamado Varjão, que pertencia ao PSD (Partido Social Democrata), o partido do Juscelino. E lhe pedi permissão, logo autorizada, claro, para passar três telegramas: um para o Joel Silveira, outro para o general Lott; e o terceiro para o senador Áureo de Moura Andrade.

Aragarças era uma pista de terra de DC-3. A esse tempo, o C-47, pilotado pelo tenente Leosinger, já tinha decolado para levar até Belém o corpo de um militar— que viera do Rio a bordo do Super-Constellation seqüestrado; nada a ver com o levante —, e que era acompanhado pela viúva.

Pelo rádio, na hora do Repórter Esso, ouvi a notícia da revolta de Aragarças, que assim se espalhava por todo o país, e estava sendo divulgado graças aos meus telegramas, que davam a posição onde nos encontrávamos. Fiquei com receio de ser preso pelos militares rebelados. Por isso, decidi passar a noite no meio do mato, colado na minha máquina fotográfica. Quando começou a clarear, olhei na direção da pista, de onde decolavam vários aviões com os militares revoltosos: descobertos pelo Repórter Esso, partiam para o exílio no Paraguai e na Argentina. O Super-Constellation da Pan-Air em que tínhamos voado do Rio foi um dos aviões que decolaram, levando a bordo, como refém, o senador Remi Archer.

Amanhecia. No campo, tinham ficado dois oficiais (legalistas), soltos. De repente, o céu cobriu-se de paraquedistas, que rolaram tambores na pista, visando a impedir manobras de aviões. O C-47, pilotado pelo tenente Leosinger, que tinha levado o corpo do oficial morto a Belém, estava regressando. Os legalistas fizeram-lhe sinal de pouso. Mas, ao aterrissar, bateu com a asa do avião num dos tambores, e o avião se incendiou. Houve tiros. A tripulação começou a atirar na minha direção e na do major França. Mas ninguém morreu. Depois, os revoltosos foram anistiados, como já haviam sido anistiados por Juscelino os rebeldes de Jacareacanga, em 1955.”

Outro episódio famoso ocorrido durante o governo de Juscelino Kubitschek, ficou conhecido como o “caso Delgado”. O general português Humberto Delgado era uma das principais figuras contra a ditadura salazarista. Candidato à presidência da República de



O general Humberto Delgado e João Portella Ribeiro Dantas no gabinete do diretor do *Diário de Notícias*.

Foto Mundo Ilustrado

Portugal em 1959, foi derrotado pelo almirante Américo Thomaz numa eleição por muitos acusada de fraude. No mesmo ano, foi suspenso das Forças Armadas e obrigado a refugiar-se na embaixada brasileira em Lisboa, criando uma situação incômoda para os dois governos, que se prolongou por três meses. O embaixador era Álvaro Lins. Nessa época, o então diretor do *Diário de Notícias*, João Portella Ribeiro Dantas, transformou-se, acidentalmente, num herói anônimo da História, ao conduzir as negociações, em caráter não oficial, para trazer o general Delgado para o Rio de Janeiro. “Foi a minha primeira experiência internacional”, diz João Dantas, que se preparava para passar a Semana Santa em Sevilha, quando a viagem turística se transformou em uma missão diplomática. Trechos da reportagem publicada na época na revista *Mundo Ilustrado*, que pertencia ao mesmo grupo que editava o *Diário de Notícias*, mostram o clima em que se desenrolaram essas negociações:

“Às dez da noite de 20 de abril, em seus aposentos na embaixada brasileira em Lisboa, o general Humberto Delgado caiu em pranto quando o embaixador Álvaro Lins, também profundamente emocionado, lhe comunicou que o governo português concordara, finalmente, com uma fórmula que permitiria, sem nenhuma lesão a seus bravios sentimentos de dignidade pessoal, deixar a embaixada e viajar para o Brasil.

No salão nobre da embaixada, onde, durante longas horas de angústia, oito funcionários e dois jornalistas brasileiros debateram com violência e até acrimônia as demarches para a solução definitiva do incidente diplomático que chegou a pôr em risco a amizade luso-brasileira, todos se abraçavam e choravam, afinal vencidos pela terrível tensão nervosa que precedera a aceitação da fórmula que pôs fim ao caso Delgado.

O passo decisivo para a conclusão das negociações foi dado pelo jornalista João Portella Ribeiro Dantas, diretor do Diário de Notícias, quando tudo, de repente, parecia perdido, às primeiras horas da noite. A situação se tornara francamente desesperadora no momento em que o ge-

neral Humberto Delgado abandonou a reunião no salão nobre, declarando que só expulso sairia da embaixada.”

Num vôo da Panair, o general, acompanhado do diretor do jornal, veio para o Rio de Janeiro. Ao chegar, antes mesmo de dirigir-se ao hotel, o general fez questão de visitar a sede do *Diário de Notícias*. No gabinete do diretor, descansou e bebeu água. Em sua edição de 22 de abril de 1959, na primeira página, o *DN* estampava a manchete “A cidade recebeu Delgado com aplausos”, ao lado de várias fotos do desembarque no aeroporto do Galeão. Com o título “Epílogo feliz”, o editorial orgulhava-se da participação nos trâmites da negociação:

“Se a diplomacia, como figura jurídica paralela ao chamado Direito das Gentes, vem a ser uma verdadeira arte – a arte de bem equilibrar as relações de povo para povo, e se este equilíbrio social e humano consiste, hoje, mais do que em qualquer fase anterior deste especioso século, numa necessidade vital para a preservação da paz e, da concórdia, entre os homens – então este jornal tem motivos de sobra para julgar-se plenamente realizado na tarefa auspiciosa que se cometeu, de ensinar o entendimento e de propiciar a harmonia quando justamente se fazia mais sentir a conveniência de uma presença neutra, de uma voz equidistante e apaziguadora para a solução de um problema delicado como os que mais o forem.

(...)

Chegou o momento em que se tornou premente uma terceira força, extra-oficial e extraordinária no sentido mais amplo; essa ação catalítica de presença fomos nós que a fornecemos, incorporada na pessoa de quem, justamente por encarnar um órgão jornalístico de oposição, sentir-se-ia por isso mesmo mais à vontade para exercer a nobre função de coordenador – coordenador de boas vontades.

Repitamos aqui as palavras do sr. João Dantas à France-Presse, em Lisboa: ele não exerceu função oficial de qualquer natureza, nem tampouco agiu, durante o tempo em que esteve em Portugal, como jornalista: o homem de imprensa cedeu lugar ao mediador (...).

(...)

Estes, pois, os motivos mais que justos para exteriorização dos nossos sentimentos de júbilo pelos resultados frutuosos e não menos relevantes, da missão que o destino reservou para o Diário de Notícias, na sua trajetória através da gloriosa imprensa brasileira.”

O *Diário de Notícias* foi, desde o início, contra a mudança da capital. Em 1959, ironizava:

“Esse Juscelino é de amargar! Em Brasília, bem, não haverá postes! – Esse governo dificulta até a vida dos cachorros!”

Seu ponto de vista também foi tema de editoriais e artigos de políticos e intelectuais, como o do pensador católico Gustavo Corção, que resumia a opinião do jornal:

“Queixamo-nos do presidente por querer mudar a capital numa época inoportuna, com motivação inoportuna, com métodos inoportunos, para um lugar estupidamente inoportuno e em prazo culposamente inoportuno.”

O apoio do DN a Jânio Quadros e a João Goulart

Para o mandato seguinte, o *Diario* apoiou a candidatura de Jânio Quadros. Em 1959, o diretor do jornal, João Dantas, acompanhou o candidato em um longa viagem pelo exterior. Dizia o DN em editorial:

“(…)

As nações vivem umas em função das outras: os homens que as dirigem precisam conhecer-se reciprocamente, necessitam balancear a mentalidade dos povos, em um mesmo momento internacional.

Foi isso mesmo e não outra coisa que o candidato Jânio Quadros acabou de realizar na sua viagem internacional, que vem de empreender justamente àqueles países com os quais o Brasil deverá encetar as futuras operações do seu comércio intercontinental. Não deve haver compartimentos estanques entre as nações, qualquer que seja o seu governo e qualquer que seja o matiz da sua pele. Faz lembrar a frase de Wendel Wilkie: ‘Um mundo só’.

Bem o compreendeu o sr. Jânio Quadros, que é o candidato da Nação. Nele poderíamos confiar para a realização de tal objetivo, sem riscos de ordem política. Os políticos, porém, querem tirar do povo a decisão. Para eles a Nação não tem vez.”

É João Dantas quem conta:

“O melhor momento de circulação do Diario de Noticias foi no período de 1956 a 1965. O jornal, que começou na Rua Buenos Aires e foi depois para a Rua da Constituição, comprou o patrimônio do Mundo Gráfica, que editava o jornal O Mundo, e lá teve a sua sede própria, na Rua Riachuelo 114. De 1957 a 1970, manteve as rotativas na Rua da Constituição.

Nas eleições de 1960, o Diário de Notícias apoiou a candidatura de Jânio Quadros. Fui ao encontro de Jânio na Europa, na cidade de Bled, na Croácia, fronteira da Áustria com a Iugoslávia.

Expliquei-lhe lealmente que até então estivera empenhado no esforço de encontrar, para o problema sucessório, a solução que se convencionou chamar de união nacional. Com o sacrifício das duas candidaturas, em favor de uma terceira.”

Como condição para o apoio do jornal à candidatura de Jânio, João Dantas apresentou o programa do *Diário de Notícias* e conseguiu a aprovação do candidato. Visitaram juntos o Japão, Índia, Paquistão, Irã, Egito, Israel e Líbano. “Jânio quis que eu me encontrasse com Ferat Abbas, presidente da Argélia no exílio. O encontro foi em sua casa, em Túnis”, conta.

Quando da visita à China, o jornal publicou:

“O diretor deste jornal colocou perante a consciência de todos os homens de responsabilidade do país a necessidade do reconhecimento da China Popular pelo Brasil.

Esta necessidade, bem como o restabelecimento de relações com a Rússia, é sentida pelos homens lúcidos do Brasil (...).

O diretor deste jornal, agora em Pequim, na entrevista que concedeu à France-Presse, situou o problema com toda a nitidez, cingiu-o ao seu plano exato, que é dos interesses do Brasil (...).

Não temos por que esperar os Estados Unidos, nem temos por que hesitar no reconhecimento da China.”

Jânio Quadros e João Goulart foram empossados, respectivamente, na presidência e na vice-presidência da República, em 31 de janeiro de 1961. Para os ministérios militares, Jânio escolheu elementos ligados aos opositores do grupo nacionalista; na política econômica, adotou o

receituário ortodoxo recomendado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). A principal proposta de governo janista era a instauração de uma cruzada moralizadora no país. Suas primeiras medidas – a instauração de inquéritos comandados por militares – destinavam-se a criar uma imagem de inovação dos costumes e saneamento moral, tendo a administração pública como alvo principal.

Enquanto, no plano interno, Jânio desenvolvia uma política considerada conservadora e alinhada com os Estados Unidos, sua política externa seguia os princípios de uma linha independente, aberta a todos os países do mundo. Um dos marcos dessa independência foi a posição assumida pelo Brasil, contrária a ações armadas dos americanos em Cuba, que se havia declarado socialista. Além disso, aproximou-se dos países socialistas do Leste europeu, preparando o caminho para o estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com aquelas nações, condenou o colonialismo e reafirmou sua posição a favor da autodeterminação dos povos. João Dantas continuou a acompanhá-lo em suas visitas internacionais:



Jânio Quadros visitou Cuba acompanhado por jornalistas brasileiros, entre eles João Portella Ribeiro Dantas (quarto da esquerda para a direita, em conversa com Che Guevara).

“Depois, foi preciso mostrar nossa independência em relação aos Estados Unidos. Fomos a Cuba conversar com Fidel e Guevara. Mais tarde, voltei a me encontrar com Guevara no Rio de Janeiro, no Galeão. Encaminhei a ele o pedido do papa João XXIII para conceder salvo-conduto para seis religiosos saírem das embaixadas onde estavam exilados. Outra proposta, em função do pedido de Kennedy a Jânio, foi a reintegração de Cuba na OEA. Depois, Guevara faria uma escala técnica em Brasília e nessa ocasião seriam restabelecidas as relações diplomáticas Brasil-Cuba.

Fui convidado para o 10º aniversário da Revolução Chinesa, em Pequim. Estive com Mao-Tse-Tung e Chu-en-Lai. Depois, no Japão e Taiwan, com Chai-Kai-Chek. Fui com Jânio a Berlim Oriental e à Rússia, tratar de assuntos relacionados à Educação. A preocupação era mostrar que não estávamos atrelados a governo algum.”

A atuação no plano internacional, paralelamente à perda gradual do apoio da UDN e ao aparecimento de limites e contradições do seu esquema político, levou Jânio a reorientar suas estratégias econômicas, voltando-as para o desenvolvimentismo, e a um aprofundamento da política externa independente. Tais mudanças o aproximaram do vice-presidente.

Foi nesse contexto que João Goulart recebeu um convite oficial para visitar a República Popular da China. Naquele país, a comitiva brasileira visitou Hanchow, Cantão e Pequim, e foi recebida pessoalmente pelo presidente Mao Tse-Tung. Em 25 de agosto de 1961, já em Cingapura, Jango foi avisado da renúncia de Jânio. Diz João Dantas:

“Acho que a renúncia de Jânio foi uma tentativa de governar sem as instituições democráticas. Apostou que a renúncia seria revertida pelo povo, não contava com a perplexidade que se instalou.

Fui a favor da posse de Jango. Ele me propôs ser embaixador na Ásia. Tive boas relações com ele até dezembro de 1963. Ele me pediu

que tentasse demover Carvalho Pinto de renunciar. Quando Jango quebrou a hierarquia no famoso encontro no Automóvel Clube, passamos para a oposição.

O Diário de Notícias foi favorável ao golpe de 1964. Quando ocorreu o levante da Marinha, o jornal foi ocupado pelos fuzileiros navais comandados pelo Almirante Aragão. Interditaram a mesa telefônica. Fiquei sozinho no prédio.

O presidente Castello Branco era um homem de bem. No entanto, demos espaço para Carlos Lacerda fazer artigos contra ele. Depois, com o Costa e Silva, houve uma esperança de nacionalismo. Fui convidado para integrar a comitiva para Punta del Este para o encontro dos presidentes. Quando dona Yolanda Costa e Silva quis oficializar o jogo-do-bicho, ficamos contra. Minha mãe determinou uma entrevista do jornal sobre o assunto com o Cardeal D. Eugênio Salles. Com isso, ganhamos um inimigo. O cerco apertou: meteram medo nos fornecedores de papel, retiraram a publicidade de órgãos estatais.

Com Médici, vi que não havia mais perspectivas para nós. Cogitamos de vender o jornal, avaliado na época em 10 milhões de dólares. O primeiro interessado foi Murilo Ferraz de Oliveira, dono de uma fábrica de cigarros em São Paulo. Fui chamado por Delfim Netto que disse que eu poderia vender o jornal a qualquer pessoa, menos a ele. Foi decretada a prisão administrativa do Murilo.

Houve uma tentativa de compra pelo grupo João Santos. Também perdi esse comprador porque o presidente do grupo João Santos era o general Oswaldo Cordeiro de Farias, do grupo do Castello. O terceiro candidato foi João Cleofas, senador Pernambucano. Delfim Netto também foi contra. Foi ele quem arranjou um comprador, o deputado Ricardo Fiúza, a quem só conheci na hora de assinar a escritura. Vendemos o jornal por 500 mil dólares, em 1970.

Em 29 de março, antes da venda, o jornal saiu com um editorial, sem o meu conhecimento, contra Danton Jobim, presidente da ABI, escrito no Ministério do Exército. Cheguei ao jornal cheio de raiva. Não aceitei a

intervenção branca. Retirei o retrato de meu pai da parede. Deixei tudo e saí para nunca mais voltar.

A transferência da titularidade ocorreu em 1972. De 1970 a 1972, o jornal foi ocupado por um interventor funcionário do ministro da Fazenda, Delfim Netto. O controle passou para Olímpio Campos em 1974. Ele tocou o Diário até novembro de 1976, quando foi levado à falência. Minha mãe teve de deixar a casa dela. Poucos pagaram o preço que pagamos, se é que alguém pagou.”

De alguma forma, o *Diário de Notícias* continua vivo, e não apenas na memória dos que lá trabalharam. Celeiro de talentos, formou jornalistas que se destacaram no mercado. O ineditismo de apostar em colunas especializadas para atrair nichos específicos de leitores criou especialistas. O antigo prédio de sete andares da Rua do Riachuelo abriga hoje a *Folha Dirigida*, periódico semanal especializado na divulgação de vagas para estágios e concursos. Seu proprietário, Adolfo Martins, começou como estagiário no *Diário*, em 1965. E chegou a editor de Educação, caderno onde trabalhou a poeta Cecília Meireles, no início de sua carreira. Com modéstia, ele analisa a sua ascensão, atribuindo-a mais a falta de pessoal e problemas já enfrentados pela empresa. “Quando comecei, o jornal já passava por momentos difíceis. Tínhamos que fazer um pouco de tudo, aprendíamos muito. Os salários nem sempre eram pagos em dia. Com a saída de muitos profissionais cheguei a editor num curto espaço de tempo”, afirma. Ele destaca, além da área de Educação, a cobertura especializada sobre o universo militar.

Hoje empresário, Adolfo aponta a ausência de uma administração eficaz como o principal motivo para a falência do *Diário*. De lá, o jornalista seguiu para o *Jornal dos Sports*, onde criou a seção especializada *Escolar JS*, ainda na área de Educação.

Em 23 de abril de 1997, Adolfo Martins, já proprietário da *Folha Dirigida*, voltaria à antiga casa. Da sede do bravo *Diário* restou o

prédio vazio na Rua Riachuelo. Comprado num leilão da Caixa Econômica Federal, nele funciona hoje a *Folha*. O imóvel passou por uma longa reforma, da estrutura original resistiram apenas alguns traços na fachada. Da visão de Orlando Dantas em investir na cobertura na área de Educação, ficou o sucesso. Hoje, a *Folha Dirigida* circula com edição mensal de 2 milhões de exemplares, prova do interesse que o assunto desperta nos leitores.



Arquivo de Adail José de Paula

Foto de Jaime Silva

Fachada da última sede do *Diário de Notícias* e onde hoje funciona a *Folha Dirigida*.

Educação, cultura e também recreação

A educação, ao lado da cultura, sempre foi uma das prioridades do *Diário de Notícias*. Logo após a fundação do jornal, a poeta Cecília Meireles foi convidada para criar e dirigir uma *Página de Educação*, depois transformada na seção *Diário escolar*, muito prestigiada. Era um espaço aberto a debates e apreciações, com informações completas sobre assuntos de interesse dos centros de ensino e da classe estudantil, sem pontos de vista preconcebidos. Entre diversas reportagens importantes, destacaram-se aquelas sobre terapêutica ocupacional, orientação profissional, educação de cegos, de surdos e de deficientes mentais, além de pesquisas científicas. Uma das atuações mais marcantes do *DN* nessa área foi a publicação, em março de 1932, de um “Manifesto” ao governo e ao povo, tendente à fixação de diretrizes para uma política educacional moderna.

Cecília Meireles colaborava ainda com reportagens, crônicas e minieditoriais. Outras mulheres importantes passaram pelo jornal, como a cronista e repórter Eneida de Moraes, Pomona Politis que, ligada ao Itamaraty, antecipava informações importantes ao jornal, e Maria Lúcia Amaral, uma presença em todos os momentos e a responsável pelo suplemento infantil *Calunga*.

“Comecei minha vida de jornalista na Folha da Manhã, do Recife, pela mão do jornalista e escritor Nilo Pereira, diretor do jornal, e que tinha sido chefe-de-gabinete de meu tio Barbosa Lima Sobrinho, quando este era governador de Pernambuco. Continuei no Diário da Noite, e depois no Jornal do Commercio do Recife, onde também escrevi crônicas e assinei a página infantil Meu cantinho, a primeira experiência que tive em jornalismo para crianças.”

Acontece que em 1952 o Recife não tinha mais espaço para mim, eu estava sentindo necessidade de trabalhar numa cidade maior. Fui com a cara e a coragem procurar o Austregésilo de Athayde, no Diário da Noite (do grupo dos Diários Associados), e ali fiz, por pouco tempo, uma página para crianças. No mesmo ano, decidi procurar dona Ondina Dantas, viúva de Orlando Dantas. Dona Ondina era uma senhora muito culta e sensível, tocava harpa e assinava uma coluna de crítica de música com o pseudônimo D'Or. Ela me convidou para fazer uma página infantil, Calunga, palavra que significa, entre outras coisas, um ratinho, um desenho infantil muito simples de figuras humanas, ou até ajudante de caminhão, daqueles que viajam na carroçaria.

O Diário de Notícias sempre manteve uma preocupação educativa (tinha uma seção chamada Diário escolar, que também dirigi por algum tempo). Calunga não era uma página formalmente educativa, era uma página recreativa, feita para divertir as crianças. Eventualmente, quem sabe, para formar escritores. Por isso contava com a colaboração de crianças – cartas, escritos, desenhos infantis, historinhas. Às vezes eu entrevistava pessoas talentosas, como fiz com o Ziraldo, que então começava sua vida profissional.

Foi um trabalho que durou 14 anos, e a que me dediquei intensamente. Ali, pude inovar. Fui uma pioneira em promoções de diversos tipos. Fui eu quem começou com a idéia de dar nomes à girafa e à zebrinha do Jardim Zoológico; era a zebrinha que eu batizara de Calunga, e que ficou sendo o nome da página, por sugestão dos colegas. Entrei em contato com a Aeronáutica, consegui emprestado um avião para as crianças passearem: alunos das escolas do Rio, públicas ou particulares, não importava, se inscreviam na portaria do jornal para fazerem o vôo (havia lugar para 20 crianças, acompanhadas de parentes).

Com o apoio do Banco Mercantil de Minas Gerais, que abriu uma conta especial, pude montar e encenar uma peça infantil de minha autoria, O vestido da Estrela-Flor, interpretada por um grupo de teatro mambembe, com os atores rodando de camionete, da Praça do Lido, em Copacabana, à Baixada Fluminense. No elenco estavam Leina Krespi e Raul da Mata. A peça

era encenada em praças, clubes, escolas, associações. A maioria das crianças que assistiam nunca tinha ido a uma sessão de teatro. A peça teve ainda o apoio da Coca-Cola. Os cenários eram da belga Julia Van Rogger; os figurinos, da francesa Lucette Larribe. Eram muito bonitos, depois ficaram expostos no Masp, em São Paulo. Também organizei, ainda no jornal, promoções com a Air France, entre elas, a “Criança Revelação”, de desenho. Uma das crianças vencedoras tornou-se depois uma pintora famosa.

Em meados de 1960, o genro de dona Ondina Dantas me convidou para reanimar a seção Diário escolar, que andava meio caída; fiquei lá por dois anos, mais ou menos. Era uma página noticiosa, que acompanhava a vida escolar. Ali fiz muitas entrevistas com pessoas famosas, como Cândido Mendes (o atual acadêmico), o deputado Nelson Carneiro, então em plena campanha do divórcio. Soube depois que o pessoal da Tradição, Família e Propriedade (TFP), que era contra o divórcio, procurou saber quem havia feito as entrevistas.

Em certos casos, quando a direção achava, por algum motivo, que as entrevistas eram mais importantes, publicava-as no corpo do jornal. Aconteceu assim com aquelas que fiz com os generais Olympio Mourão Filho (que nessa entrevista disse uma frase que ficaria famosa: “Ainda por cima, chamam a mim de ‘vaca fardada’) e Taurino de Resende, pai do cineasta Sérgio Resende, que investigava a corrupção no governo Jango.

O trabalho de que mais gostei no Diário de Notícias foi a criação e a direção do Departamento de Pesquisa, por volta de 1971. Eu ficava informadíssima, recortava jornais em várias línguas, alemão, inglês, francês, espanhol, italiano...

Ainda no Diário de Notícias, participei da coluna Periscópio (uma espécie de Informe JB), com notas informativas de todo gênero. Também fui editora do Segundo Caderno (1965/1966) e do suplemento literário, quando fiz entrevistas com grandes escritores, como Carlos Drummond de Andrade e Octávio de Faria, e dei apoio a outros que estavam começando, como Sérgio Santana.”

O mais completo suplemento literário da época

O *Diário de Notícias*, desde o começo, publicava aos domingos o suplemento *Letras e Artes*, dedicado à literatura. Passados alguns anos, foi criada, no mesmo suplemento, uma seção de noticiário e crítica de artes plásticas. O *Letras e Artes* tornou-se um dos mais prestigiados suplementos culturais do Brasil, de tal modo que, em 1957, foi distinguido com o Prêmio Paula Brito, dado pela Prefeitura do então Distrito Federal para distinguir a publicação desse gênero considerado de maior categoria. A essa distinção seguiu-se o Prêmio Antônio Joaquim de Castilho, atribuído pela Confederação Nacional da Indústria.

Pelo suplemento cultural (conhecido como suplemento literário) do *Diário de Notícias*, passaram alguns dos autores mais famosos das letras brasileiras, com nome já firmado. Mas suas páginas também eram abertas a estreadores de talento. Entre os editores do *Letras e Artes* estiveram personalidades tão conhecidas como Guilherme de Figueiredo, Álvaro Lins, Raul Lima e o poeta Ledo Ivo. Este último teve lá uma passagem rápida, cerca de seis meses, mas marcante. Indicado pelo escritor Rubem Braga, foi convidado a assumir a direção do suplemento em 1965, quando o então diretor João Dantas decidiu fazer uma grande reformulação. Já era um suplemento de grande prestígio, que havia sido dirigido por nomes como Álvaro Lins, Raul Lima e pela cronista e grande repórter Eneida, mas, naquele momento, estava numa fase meio decadente ou, segundo Ledo Ivo, “vivía uma fase agônica”. É ele quem observa sobre as características do suplemento:

“O suplemento era aguardado com grande ansiedade. Tentei imprimir um dinamismo que não existia antes nos suplementos culturais. Procurei dar

àquelas páginas dedicadas às letras e artes um ar menos austero, de segundo caderno. Isso era uma verdadeira inovação naquele jornal de feição moralista, que tinha até uma página militar. Lembro bem que o primeiro número do suplemento editado por mim estampava na primeira página, com o maior destaque, uma entrevista com o José Carlos Oliveira, – o Carlinhos –, com um tipo de manchete até então incomum nos suplementos culturais: ‘Passei fome em Paris!’.

O suplemento literário do DN destacava-se entre os suplementos dos jornais cariocas: era muito voltado para o livro, para as efemérides e todas as excentricidades da vida literária. Tinha até uma seção de Valdemar Cavalcanti, sobre a produção editorial da semana.

Quase todos os nomes importantes da literatura brasileira colaboraram, em uma época ou em outra: Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Otto Lara Resende – que foi demitido porque trabalhava, ao mesmo tempo, no Globo e no Diário de Notícias, sempre escrevendo os editoriais dos dois jornais, travando assim um debate com ele mesmo –, Aurélio Buarque de Holanda, Paulo Rónai (os organizadores dos volumes de contos do mundo inteiro, Mar de histórias, inicialmente publicados no DN), Álvaro Lins (que passou para o Correio da Manhã) o filósofo Euryalo Cannabrava, Afrânio Coutinho, Eneida, etc.

Também publiquei lá alguns poemas de meu amigo João Cabral [de Melo Neto], que não recebeu pagamento: o jornal não remunerava o trabalho dos poetas. Lembro ainda que dedicamos um número inteiro ao poeta Manuel Bandeira e que o suplemento também contribui muito para a divulgação no Brasil de autores estrangeiros importantes, como Kafka.”

Além dos nomes mencionados pelo poeta, também colaboraram no suplemento: Mário de Andrade, Azevedo Amaral, Raquel de Queirós, Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça, Raimundo Magalhães Júnior, Augusto Frederico Schmidt, Álvaro Moreira, Celso Kelly, Gustavo Corção, Alceu de Amoroso Lima (Tristão de



Letras e Artes, o suplemento literário que fez história e deixou saudade nos meios intelectuais.

Athayde), Agripino Grieco, Viriato Correia, Graciliano Ramos, Hermes Lima, Tasso da Silveira, Guilherme de Figueiredo, Afonso Arinos, Luís da Câmara Cascudo, Murilo Araújo, Osório Borba, Sérgio Milliet, Raul Lima, Daniel de Carvalho, Ivan Pedro de Martins, Josué de Castro, entre outros.

A importância do suplemento do *DN* na consagração de escritores pode medir-se por este comentário de Ledo Ivo, que sublinha outras características do caderno, decorrentes diretamente da posição ideológica do *Diário de Notícias*:

“Sérgio Buarque de Holanda, que foi crítico literário no suplemento do DN, tinha um peso enorme, porque era paulista e, portanto, muito lido em São Paulo. Devo-lhe uma crítica consagradora de meu livro Cântico, em 1951.

O DN era um grande jornal nacionalista, de classe média, tinha combatido o Estado Novo. E isso refletia-se mesmo na escolha dos colaboradores

para o suplemento. Por exemplo, quando apresentei ao João Dantas uma lista de escritores para colaborarem no suplemento literário, ele reagiu logo a um determinado nome: 'Não, Ledo, esse não, esse colaborou com o Estado Novo'.

O suplemento literário do DN destacava-se entre os suplementos dos jornais cariocas. Como todos sabemos, naquele tempo, e ainda antes, havia no Rio de Janeiro um número de jornais bem maior do que hoje, como Correio da Manhã, Diário da Noite, Jornal do Commercio, Diário Carioca, Jornal do Brasil, O Globo – muitos nem existem mais – e alguns deles tinham suplementos. Os escritores que colaboravam no suplemento literário, no meu tempo, eram quase todos famosos. O João Dantas não era muito de dar espaço a gente sem nome feito.”

O crítico de artes plásticas, Mário Barata, colaborou no DN de 1952 a 1961. A princípio, era responsável pela coluna semanal Artes plásticas, inserida no suplemento literário. A partir de 1954, foi convocado pelo diretor João Dantas para fazer uma seção diária, na qual permaneceu até deixar o jornal. Seus substitutos foram José Roberto Teixeira Leite e, mais tarde, Frederico Morais. Recorda Mário Barata:

“Naquele tempo, o público se interessava pelo caminho da crítica. Nos outros jornais, também havia colunas de artes. Lembro do Mário Pedrosa e do Ferreira Gullar, no Jornal do Brasil, substituídos depois pelo Roberto Pontual. Nos Diários Associados havia o Quirino Campofiorito. Minha função prioritária era informar. Visitava os ateliês, as exposições e depois redigia a coluna. Tinha toda a liberdade no Diário de Notícias, podia criticar um autor à vontade. Artistas nacionais e estrangeiros eram tratados da mesma forma. Orlando Dantas era um bom administrador. Não tinha interesse particular por artes, mas era casado com uma musicista.”

Em 1955, para comemorar o 25^o aniversário de fundação, o *Diário de Notícias* criou o Prêmio Orlando Dantas, que passou a

ser atribuído anualmente ao autor de um trabalho inédito selecionado por um júri de críticos. Cada premiado ganharia uma edição de mil exemplares de seu livro, sendo-lhe garantidos também os direitos autorais. Os seguintes livros foram premiados: *Dize-me o teu nome* (romance), de Heloneida Studart (1955); *Loucos, poetas, amantes* (romance), de Gerardo Santos, e menção honrosa a *Lady Godiva*, de Macedo Miranda (1956); menção honrosa às peças de teatro *Viva o motor*, de José Carlos Cavacanti Borges; e a *Sábado solitário*, de Cleber Ribeiro Fernandes (1957); e prêmios a *A estação* (novela), de Ferrúcio Fabbri; e *Pajussara* (também novela), de Oliveiros Litrento (1958).

A escritora Heloneida Studart foi a primeira a receber o prêmio, em 1955, com o romance *Dize-me o teu nome*. Em segundo lugar foi classificado o escritor Gerardo Mello Mourão, com o *Valete de espadas*. O Prêmio Orlando Dantas consistia em que o livro escolhido seria publicado pelo *Diário de Notícias*, jornal que patrocinava a láurea. Era um dos prêmios literários mais importantes da época. Entre os componentes do júri estavam críticos de reconhecimento intelectual mais do que firmado, como Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde). Sobre a importância do prêmio recebido, diz Heloneida Studart:

“Isso foi muito importante para mim, o reconhecimento de que eu era, sim, romancista. Lembro que também nesse mesmo ano ainda recebi o prêmio da Academia Brasileira de Letras, pelo mesmo livro. Alceu de Amoroso Lima dizia que, do ponto de vista dele, meu romance premiado era um dos mais importantes que na época tinham surgido na literatura brasileira.

Escrevi o romance em Fortaleza, Ceará, na cozinha, com um bando de filhos em volta e uma panela fervendo, o que basta para provar a capacidade de atenção difusa das mulheres. Eu era então muito nova, tinha pouco mais de 20 anos, mal saída da adolescência. Dize-me o

teu nome foi muito bem recebido pelo público e pela crítica, teve uma segunda edição pelo Diário de Notícias. Depois, não foi editado mais. Isso acontece muito no Brasil: um livro faz sucesso no momento, é lido, vende bem, mas suas edições não têm continuidade, e termina saindo das livrarias.”

À margem das traduções (e correções)

Na linha de preocupações culturais adotada pelo *Diário de Notícias*, a direção do jornal, em setembro de 1944, decidiu criar uma seção bem original: a de crítica de traduções, intitulada *À margem das traduções*. Guilherme de Figueiredo, que na época editava o suplemento literário, apoiado pelo redator-chefe Raul Lima, teve a idéia de convidar os leitores a apontarem erros em traduções recentes, visando a estimular os editores a serem mais cuidadosos na escolha dos profissionais. Foi ele quem escreveu:

“Foi aí que recebi uma carta, de um professor de Barbacena, Agenor Soares de Moura. Competentíssimo, minucioso, sabendo lidar com os originais ingleses, alemães, franceses, espanhóis, italianos, catava os erros das traduções brasileiras. Melhor que publicar a carta, transformei o missivista em crítico de traduções, com pseudônimo, é claro.”

Essas críticas recentemente, foram reunidas no livro *À margem das traduções – Análises críticas de traduções de autores consagrados*. O livro foi organizado e prefaciado por Ivo Barroso – a pedido da família de Agenor Soares de Moura. Nesse prefácio, Ivo Barroso comenta:

“Embora não fosse o objetivo da coluna apontar as mancadas dos tradutores ‘famosos’ da época, e, sim, de maneira quase pedagógica, mostrar como se devia enfrentar os problemas de tradução dos textos examinados, a seção de Agenor Soares de Moura, batizada de À margem das traduções, e assinada com o pseudônimo C.T. (crítico de traduções), desde cedo revelou-se um enorme desconforto para alguns escritores de renome que traduziam às pressas ou simplesmente emprestavam seu nome às traduções albeias. Logo o jornal começou a sofrer pressões não só dos criticados, mas igualmente das

editoras cujos livros eram mencionados nos artigos. Muitas delas deixaram de enviar suas edições ao jornal, e Agenor, para poder continuar seu trabalho, era forçado a adquirir livros nacionais e importados, os quais pagava do próprio bolso, numa conta em que os débitos eram às vezes mais altos que os poucos proventos advindos da colaboração.”

Entre os tradutores, ou escritores-tradutores, e até tradutores-dicionaristas que foram alvo das análises minuciosas de Agenor Soares de Moura estavam nomes do mundo literário e jornalístico tão importantes quanto Monteiro Lobato, Adonias Filho, Lúcio Cardoso, Olívia Krahenbuhl, Godofredo Rangel, Oscar Mendes, Érico Veríssimo, Edgar Cavalheiro, equipe das *Seleções do Reader's Digest*, Alex Vianny, Leonel Valandro, Elói Pontes, Odilo Costa Filho, Álvaro Costa, Tasso da Silveira, Luiz Guimarães Junior (da ABL), e outros.

A seção durou quase dois anos, até 1946. Agenor dominava perfeitamente francês, espanhol, italiano, alemão e inglês, além de ter conhecimento profundo da língua portuguesa. “A impossibilidade de continuar com o trabalho, por falta de material básico”, diz Ivo Barroso, “contribuiu, mais tarde, para que recorresse a outro desgastante ofício, o de revisor de trabalhos alheios, até caber-lhe a oportunidade de demonstrar seus méritos superiores, assinando a tradução de *José e seus irmãos*, a famosa tetralogia de Thomas Mann, publicada pela antiga Editora Globo, de Porto Alegre”.

O escritor Paulo Rónai comentou a qualidade dessa tradução no artigo “Um tradutor”, escrito em 1957, e selecionado por Ivo Barroso para abrir o livro *À margem das traduções*:

“Entre a dezena de livros que para esta [editora] verteria, figuram José e seus irmãos, O jovem José, José no Egito e José, o provedor, as quatro partes da poderosa tetralogia de Thomas Mann, de estilo arcaizante, erudito, pitoresco, cheio de intenções, sem dúvida uma das obras mais

intraduzíveis já publicada em qualquer língua. Quando da saída do primeiro tomo, em 1947, Raul de Lima, em espirituosa nota dirigida às ‘vítimas de C.T.’ revelou que este e o tradutor de Thomas Mann eram a mesma pessoa e convidou-as a tirarem a sua forra, catando os erros naquela versão monumental. Não me consta que alguém se tenha abalancado a tarefa tão espinhosa. (...) Depois de publicado o livro, o confronto com o original levou o espírito culto de Sérgio Buarque de Holanda a declarar, sem hesitação, que ‘em matéria de tradução para o português, nada se fez até hoje de melhor.’”

As críticas de Agenor Soares de Moura (o C.T.) incidiam tanto sobre erros grosseiros de tradução, por desconhecimento da língua de que o livro era traduzido, quanto por incorreções gramaticais de Português, consistissem elas em frases sem sentido, pequenos deslizes ou ligeiras impropriedades lingüísticas.

Paulo Rónai assim caracterizou o trabalho de C.T.:

“(...) assinalava modismos peculiares ao inglês, ao francês, ao alemão, mesmo ao italiano e ao espanhol, outras tantas armadilhas para o intérprete desprevenido; denunciava os falsos equivalentes (faux amis, mots trâitres), isto é, palavras de étimo igual, mas de sentido diferente nas diversas línguas; apontava as tendências fundamentais de cada idioma; às vezes ia surpreender até em obras originais a intenção servil de rodeios estrangeiros; divertia-se em desvendar espertezas e truques, como ‘traduções diretas do alemão’ feitas através do francês.”⁶

Uma vez que sua atividade era didática e visava, antes de mais nada, corrigir “práticas errôneas”, como ele mesmo escreveu, lia com a mesma atenção os livros traduzidos que lhe caíam na mesa para criticar – livros de autores importantes (Kipling, Oscar Wilde, Somerset Maugham, Edgar Allan Poe, Anatole France etc.) ou insignificantes,

6 Transcrito do livro *À margem das traduções*.

fosse quem fosse o tradutor – escritor famoso ou nome desconhecido.

As observações de Agenor Soares de Moura, o C.T., nas páginas do *Diário de Notícias*, incomodaram de tal maneira, que tanto tradutores descuidados (alguns, de renome) quanto editoras passaram a fazer pressão sobre o jornal e a não enviar livros para análise. Foi quando o crítico começou a comprá-los do seu bolso. Às vezes, o gasto com a compra de livros para crítica era superior ao que C.T. ganhava pelo seu trabalho. E a seção terminou.

Em seguida, damos alguns exemplos de erros (ou deslizos) assinalados, alguns bastante engraçados, colhidos do livro já citado, *À margem das traduções*:

“I should’n’t to have a nature like yours.” (“Eu quisera ter um temperamento como o seu”; o correto é: “Eu não quisera ter um temperamento como o seu”; “murenes cozidas no *garum*” por: “moréias cozidas no *garo*”); “Rosetta Stone” (como se fosse nome próprio; o certo é “pedra de Rosetta.”; “*Saetas sin brío que fallan al blanco*”, “*Cancões sem brío que ficam em branco*”; tradução correta: “*Setas sem vida* [força, entusiasmo] que não acertam no alvo”; “...and the great piles of vegetables looked like masses of jade against the morning sky, like masses of green ‘jade’(...) etc.”; “...os grandes montões de legumes verdes se destacavam como blocos de ‘geada’ verde (...)” etc.; por: “...as grandes pilhas de hortaliças pareciam massas de jade (...)” etc.; “Saiu lentamente a quatro patas”; (do francês *à quatre pattes*, isto é, *engatinhando, de gatas ou de gatinhas*); “as pereiras ‘aligátor’...”; (em inglês, *alligator pear trees*, abacateiros); ...entre os campos de *padi*...”; (campos de arroz (*paddy*)); “...era uma imagem lúgubre: a cabeça de um morto.”...*tête de mort*, em francês: *caveira*); uma frase sem sentido: “Um dia, em que eu, que uma ventania repentina derrubou uma chaminé de tijolos que ficara intacta, sem entretanto fazer mal a ninguém, nem mesmo cair na rua, fui multado”; “os pais da igreja” (correto é: os *padres* da igreja); “Aldeia de Blacksmith” (inglês: “The village

blacksmith”, “o ferreiro da aldeia”; “rangindo os dentes” (em vez de *rangendo* ou *ringindo* os dentes); Livro do *jungla*” (por *jângal*); “...uma cadeira *raqútica*” (em inglês, *rickety chair*, cadeira *desconjuntada*); “juntei algumas *lagostas* e passei horas e mais horas estudando sua vida e costume, cheguei a domesticar uma...” (castelhano, *langosta*, lagosta ou gafanhoto; no caso, o correto é *gafanhoto*); “É como já lhe disse, trabalho *para os touros*; (*bull*, termo de *slang*, aqui não pode ser traduzido por *touro*, mas como *tira*, policial); “*Antes de mais nada*, ele tem 45 anos” (em inglês, *if a day* quer dizer *no mínimo*, neste caso); “durante todo aquele terrível ano de fome, o povo morria de *igniçãõ...*” (trata-se de *inanição*, claro).



Adail retrata alguns dos colunistas e responsáveis por seções do *Diário de Notícias*: 1. Fernando Lobo; 2. Joel Silveira; 3. Pedro Bloch; 4. Eneida de Moraes; 5. Silveira Sampaio; 6. Ibrahim Sued; 7. Rubem Braga; 8. Pomona Politis; 9. Nestor de Holanda.

A Revolução Brasileira sonhada pelo DN

Em sua edição de 15 de junho de 1958, o *Diario de Noticias* publicou *Um estudo sobre a Revolução Brasileira*, documento que fixava princípios a partir de uma longa observação dos fenômenos políticos, econômicos e sociais do país. Na abertura, expunha os fundamentos de sua iniciativa: uma revolução sem armas, fruto de uma “ideologia que é, antes de tudo, uma meditação sobre os sofrimentos e as necessidades do povo”. O estudo, elaborado por um grupo de cientistas e sociólogos coordenado por José Artur Rios, com a participação de Luciano de Almeida, professor da Unicamp, teve grande repercussão na época. Era um projeto de mudança e um verdadeiro programa de governo, como explicava o próprio jornal:



Em 15/6/1958, o DN publica documento notável, *Um estudo sobre a Revolução Brasileira*, onde se apontam as condições para uma verdadeira soberania nacional.

“Um jornal que tenha consciência de suas responsabilidades para com a opinião pública e para com o país, não pode cingir-se apenas, a ser um órgão de informações: deve ser, sobretudo, um cristalizador de opiniões. (...) O Diario de Noticias encarregou, agora, um grupo de estudos, de condensar idéias que este jornal vem expondo e, conjugando-as à nossa experiência de 25 anos de lutas, apresentar ao povo, nesta hora de confusão generalizada em todos os setores da sociedade brasileira, uma apreciação objetiva da situação e do seu momento histórico.”

A seguir, transcrevemos alguns tópicos do manifesto:

O QUE É UMA REVOLUÇÃO

“Uma revolução se faz principalmente com idéias. Ao contrário das quarteladas e golpes que se improvisam, os movimentos revolucionários têm de ser um processo lentamente amadurecido. A consciência revolucionária se forja num longo debate em torno de uma ideologia, que é, antes de tudo, uma meditação sobre os sofrimentos e necessidades do povo. (...)

(...)

Um programa revolucionário não é, portanto, um organograma onde se encontram catalogados e resolvidos todos os problemas nacionais. (...)

(...)

Deve fundar-se num exame de situação, seguido de um diagnóstico sobre o caráter da crise ou crises em que mergulha o país.

(...)”

GOLPES E RETORNOS

“(...) Falava-se, continua-se falando muito em moralização dos costumes políticos, como se isso pudesse interessar muito a um povo, na grande maioria, faminto, ignorante e cada vez mais frustrado em suas aspirações mais genuínas. Nada mais desmoralizado no Brasil que a moral, quando apregoada da tribuna parlamentar ou do coreto dos comícios.

(...)”

OS DOIS BRASIS

“Para essa integração o Brasil precisa ser uno, e não mais um país dividido em duas sociedades, uma virada para o passado, vegetando na rotina e na miséria, alheia à lei organizada do Estado, e a

outra, que se move, em alguns pontos de aglomeração urbana do litoral, com os pés no presente, em busca do futuro. (...)

Uma nação não pode, entretanto, viver muito tempo dividida em dois pedaços, em duas etapas secularmente separadas da civilização, em acentuados desníveis de progresso e riqueza, desligados um do outro, com mentalidades não só diferentes mas hostis: o país novo das cidades, com instituições modernas, leis trabalhistas, parlamento, jornal, hospital, escola, futebol e cinema, e a massa rural embrutecida e enferma, constituindo, no entanto, cerca de 70% da população do país. (...)"

A MUDANÇA DA CAPITAL

"A simples mudança de capital não conseguirá debelar a crise do regime e de estrutura por que passa o país, por mais esperanças que a idéia mesma da mudança acenda no povo brasileiro, em geral. (...) Tal como está sendo executada numa pressa que atende muito mais à satisfação das vaidades pessoais, a construção de Brasília é um sacrifício crescente que se pede ao povo já esmagado pela inflação e carestia, e um acelerador do descalabro inflacionário. (...)

(...)"

HIATO ENTRE AS ELITES E O POVO

"A crise brasileira nasce do hiato que se estabeleceu entre as elites dirigentes e o povo, principalmente as populações rurais, sempre esquecidas nos planos administrativos, somente lembradas como massa de manobra dos pleitos eleitorais.

(...)"

O SENTIDO DA REFORMA AGRÁRIA

"(...) é indispensável que a revolução comece seu esforço de reconstrução lançando as bases da reforma agrária. (...)

(...)

A reforma agrária terá por principal efeito aumentar o poder aquisitivo do homem do campo e criar o mercado interno para um amplo desenvolvimento industrial, sem artifícios e sacrifícios da massa consumidora, dando, assim, a necessária estabilidade à economia nacional. (...)"

CRIAÇÃO DE UMA CLASSE MÉDIA RURAL

"A criação de uma classe média rural, primeira etapa do nosso desenvolvimento, é a única possibilidade para o municipalismo do Brasil, até agora pensado em termos exclusivamente financeiros ou de formalismo jurídico. (...)

(...) A organização generalizada da produção agrícola em bases cooperativistas contrabalançará os possíveis efeitos individualistas da reforma, assegurando, por outro lado, os canais de filtração dos ensinamentos e da melhoria técnica. Somente pela disseminação das cooperativas será possível resolver o difícil problema da mecanização da pequena lavoura, da construção de silos e da adubação. (...)"

REFORMA AGRÁRIA E INDUSTRIALIZAÇÃO

"(...)

"(...) No plano da recuperação nacional, da revolução, a reforma agrária abre espaço à industrialização e a industrialização complementa a reforma agrária. (...) Uma indústria verdadeiramente nacional é indispensável ao progresso e à segurança do país. O aumento de sua produção em quantidade e qualidade e preparo de hábeis gerentes tornarão nosso país respeitado e resistente às pressões exteriores.

(...)"

A REFORMA AGRÁRIA E A CIDADE

“(...) A produção de maior quantidade de alimentos viria reduzir a mortalidade e a doença nos centros urbanos permitindo suavizar tremendos gastos que entulham o orçamento público e privado com a assistência médica, pelo aumento e distribuição mais equilibrada da riqueza nacional. (...)”

NÃO QUEREMOS UM ESTADO LIBERAL

“Não queremos um Estado liberal, limitado apenas a tarefas de polícia. Cabe-lhe missão mais positiva e profunda, qual a de demonstrar, pelo exemplo e pelo estímulo, antes do que pela execução direta, seu empenho e concurso a tudo o que a livre iniciativa, em idênticas condições, puder conseguir com maior rendimento. Sua tarefa é abrir caminho *sempre que possível* à empresa privada nacional e, principalmente, remover os obstáculos de toda a ordem que hoje impedem seu crescimento. (...)”

A EXCEÇÃO FUNDAMENTAL

“Forçoso é reconhecer que uma exceção se impõe no caso da indústria pesada e, principalmente, no caso de petróleo. Nesse terreno, o Estado brasileiro deve, decididamente, assumir a responsabilidade da exploração direta.
(...)”

O SINDICATO LIVRE

“Se a reforma agrária é a arma do povo brasileiro contra a exploração latifundiária e plutocrática nas zonas rurais, o sindicato livre e autônomo é a outra forma de combater essa mesma exploração nas cidades. (...)
(...)”

O ACESSO À EDUCAÇÃO

“Para completar esse grande esforço de construção nacional, uma profunda mudança deve ser introduzida no sistema educacional, para que seja aberto a todos os brasileiros, sem distinção de classe, raça ou religião, o acesso à educação, não só primária e secundária, mas técnico-profissional, parte importante nesse movimento geral de libertação humana que será a Revolução Brasileira. (...) (...)”

DEMOCRACIA E NACIONALISMO

“(...)”

O Brasil novo não pode ser isolacionista. Ao contrário, ele se sente solidário com as nações pacíficas do mundo, com a incoercível revolução autonomista e independentista dos povos subdesenvolvidos da Ásia e da África, na sua luta contra as potências colonialistas, e deve afirmar, ao mesmo tempo, sua posição de membro atuante da comunidade inter-americana e sua consciência fraterna para com os povos vizinhos do continente.

“(...)”

AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

“(...)”

(...) A crise econômica transformou-se em crise de regime, enquanto a crise moral se tornou mal crônico. Não se pode resolvê-las apenas com leis aprovadas pelo Congresso, ainda que na melhor das intenções, já que é ponto pacífico da análise da atual situação brasileira a verificação de que não há verdadeira solução para os problemas do Brasil, sem uma transformação radical da mentalidade política dominante. (...)”

OBJETIVOS A REALIZAR

“(…)

1. Reforma agrária (...).
2. Nacionalização de certas indústrias de base (...).
3. (...) abolir os obstáculos à iniciativa industrial e à igualdade de oportunidades (...).
4. Reforma do sistema fiscal (...).
5. Remodelação do conselho Nacional de Economia (...).
6. Recuperação das finanças públicas (...).
7. Revisão na organização e administração do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (...).
8. Instituir (...) um Banco Rural, especializado no crédito para as atividades agropecuárias.
9. Diversificação das exportações (...).
10. Combate à inflação (...).
11. Instituir um programa de educação em massa (...) para per termo ao analfabetismo (...).
12. (...) as indústrias de radiodifusão e televisão serão nacionalizadas (...).
13. Reforma eleitoral (...).
14. Assegurar as liberdades democráticas em toda a sua plenitude.
15. Revisão e aperfeiçoamento da legislação trabalhista (...).
16. Reforma Drástica da Assistência e Previdências Sociais (...).
17. Reforma no sistema de defesa militar do país (...).
18. Reconhecimento do sistema interamericano de solidariedade e defesa intercontinental (...).



Uma só história, muitos pontos de vista

Hélio Pólvora

Galvão e Gagárin: navegar é preciso

Contista, crítico literário e jornalista, Hélio Pólvora trabalhou como redator no *DN*, do final da década de 50 aos primeiros anos da de 60. No depoimento abaixo, ele recria o clima emocional da redação do jornal em sua época, e relata dois acontecimentos importantes que o impressionaram: o seqüestro do navio português *Santa Maria*, em janeiro de 1961, liderado pelo capitão Henrique Galvão, visando à derrubada dos regimes fascistas de Salazar e Franco; e o vôo tripulado pelo russo Yuri Gagárin, primeiro homem a fazer um vôo espacial, em 12 de abril de 1961, triunfo da URSS, na Guerra Fria com os americanos.

Três emoções fortes da vida jornalística no Rio de Janeiro me ficaram na memória. Duas ocorreram na redação do Diário de Notícias, o jornal fundado em 1930 por Orlando Ribeiro Dantas, e que conheci, como redator, do final da década de 1950 aos primeiros anos do decênio seguinte.

A redação ficava no rés-do-chão, quase ao nível da Rua Riachuelo. Passando-se pela portaria, entrava-se, à direita, no salão, com mesas escuras espalhadas e, à frente, de um lado, o grupo dos principais editores e do redator-chefe, protegido por divisórias de vidro. No recanto junto à parede da rua, à esquerda, agrupava-se o copidesque – instituição introduzida no jornalismo carioca por Luiz Paulistano, do velho Diário Carioca, com a incumbência de coordenar matérias, pondo-as em seqüência, resumindo-as, reescrevendo-as (ou apenas revisando-as) e titulando-as. O guerreiro copidesque fazia milagres, ao mesmo tempo revisor, redator e editor.

Tinha suas vantagens, o copidesque. O fato de trabalhar em jornal não garantia a ninguém a arte de escrever em estilo direto, claro e gramaticalmente correto – ou quase. Além disso, tentava-se uniformizar o jornal, evitando-se títulos assemelhados e matéria inútil. O copidesque cortava, segundo aquela

máxima de Hemingway, segundo a qual escrever é, antes de tudo, cortar palavras. Quase sempre cortava-as pelo pé, porque os assuntos eram tratados de forma gradualmente menos importante, até findar no anticlímax. O clímax ficava para as primeiras linhas – o chamado lide, que nada tinha a ver com as canções germânicas ou escandinavas. Era a tradução do inglês lead.

Outras vezes, se a matéria começava mal, sem responder às perguntas imediatas – o quê, quem, onde, como e quando – o copidesque decepava-lhe a cabeça. Sofria-se a tortura do espaço e do estilo sucinto.

Mas, como eu estava em vias de dizer (mas fui arrastado por outras considerações do tipo nada a ver, que um bom copidesque cortaria), minha primeira emoção, na chefia do copidesque, foi coordenar a cascata de telegramas que os teletipos cuspiam. Trepidavam mais que as furadeiras de asfalto, chamadas canetas Parker da Light. E levaram mais de uma semana desatando as aventuras do capitão Henrique Galvão, fervoroso anti-salazarista, que também queria derrubar o general Francisco Franco. Asilado na Venezuela, reuniu 20 rebeldes do Directório (assim mesmo, à lusitana) Revolucionário Ibérico de Libertação, embarcou-os em La Guaira e embarcou clandestinamente, no dia seguinte, com mais três, em Curaçao. Na madrugada do dia 21 de janeiro de 1961, tomaram o navio de passageiros Santa Maria, que rumava para um porto da Flórida. Depois, aprofundou para o leste, queria alcançar logo o Atlântico, pois seu intento era entrar no Golfo da Guiné, tomar Fernando Pó (possessão espanhola) e dali encetar o ataque a Luanda. Dali pretendia derrubar os governos de Lisboa e Madri. Bravo Capitão Henrique Galvão! Seu plano era um desabafo, um ato de desespero, uma arruaça. Mas serviu para atizar, em março, uma guerra de libertação no norte de Angola, que Salazar chamava enfemisticamente de 'provincia ultramarina'. Os teletipos trepidavam mais que trem da Central sobre os dormentes apodrecidos. Durante uns 15 dias eles nos tiraram da rotina, nos livraram do tédio, deram outro sabor aos chopinhos da madrugada.

Trabalhava-se febrilmente, selecionando os despachos mais completos, criando um roteiro, dando continuidade ao relato. O Santa Maria foi identificado por um cargueiro dinamarquês, sobrevoado por um avião americano,

desembarcou doentes em lancha e teve de aportar em Recife – porque, nesse ínterim, autoridades brasileiras ou portuguesas preparavam uma bacalhoada à moda de Santa Comba Dão. O Santa Maria foi devolvido a Portugal e os rebeldes asilaram-se no Brasil. Capitão Carlos Henrique da Mata Galvão faleceu em São Paulo, em 1971.

Após esta emoção, que por pouco não me punha a bordo do Santa Maria, por obra de um imaginário fértil, veio a de Yuri Gagarin, primeiro homem a fazer um voo espacial, em 12 de abril de 1961, triunfo da União Soviética na guerra-fria com os americanos. O cosmonauta espiou-nos lá do alto, em voltas circulares, e declarou que ‘a Terra é azul’. Só não garantiu que na Terra estaria tudo azul. Em seguida, a serviço da propaganda ideológica, correu mundo. Era um herói, era prova da superioridade tecnológica dos vermelhos. E do seu poderio militar. Gagarin, simples e afável, veio ao Rio de Janeiro, desfilou, conversou com o governador Carlos Lacerda. Também me coube, na condição de copidesque anônimo, coordenar, au coeur battant, o primeiro voo orbital tripulado. No início da corrida espacial os russos ganharam de goleada. O The New York Times estampou em manchete, para estupor do Pentágono, da Casa Branca e dos americanos atentos: Red rocket hits moon. Se um foguete soviético chegara à Lua, então...

Ainda vejo, na tela borrada da memória, as feições de Vanderlino Nunes, um dos editores do Diário de Notícias. Gordote, moreno carregado, simpático. Eu o chamava de Van der Linen, para acentuar a possível presença nas suas veias de sangue batavo dos tempos de Maurício de Nassau. Nela, a telinha embaçada, aparece também José Carlos Oliveira, o Carlinhos das crônicas, com seu andar saltitante, sua atitude interrogativa. Teve uma namorada complicada, embriagava-se. Faltava muito ao trabalho, me sobrecarregava. Voltei a encontrá-lo, anos mais tarde, em seu posto favorito: uma mesa de O Degrau, diante de um copo de água, boné na cabeça. Estava proibido de beber álcool. Nem uma gota. A doença o levou logo. Tobias Pinheiro, forte, sorriso desabrochado, era repórter especial ou chefe de reportagem. Lembro Alaor Barbosa, e também Hércio Martins, que mais tarde escreveria um estudo importante sobre Drummond, A rima em Carlos Drummond de

Andrade. *Mas recordo, sobretudo, o meu companheiro de copidescagem Cláudio Bueno Rocha. Magro, maçãs do rosto salientes, olhos de quem pouco dormia, corpo débil. Tinha os pulmões afetados provavelmente pelos bacilos de Koch. Bom parceiro para conversas literárias. Lia muito, admirava a prosa e a poesia espanholas. Advertiu-me que as vogais em castelhano são fechadas. Dizia Lôrca... Juntos, recitávamos o 'Romance de la Guardia Civil Española':*

Los caballos negros son.
Las herraduras son negras,
Sobre las capas relucen
Manchas de tinta y de cera.
Tienen, por eso no lloran,
De plomo las calaveras. (...)

Gilson Campos

Quando um ‘furo’ derruba a publicidade

Aos 75 anos e em plena atividade – atualmente, é um dos editores de uma publicação sobre turismo – o jornalista Gilson Campos mostra como a valorização da notícia importante decorre, muitas vezes, da perspicácia e decisão de um chefe que reage à burocracia e é capaz, até, de arriscar seu emprego. A ele se deve que o “furo” de Campanella Neto sobre a Revolta de Aragarças, em vez de ficar escondido em uma coluna obscura, tenha saltado, em cima da hora, das primeiras páginas do *Diário de Notícias* para o mundo inteiro.

“Wilson de Oliveira fumava habitualmente charutos. Sabia-se onde ele estava pela fumaça esvoaçante ou pela sua voz de barítono forte, clara, estridente, mas afetuosa. Era chamado de ‘Wilson Charuto’. Trabalhamos juntos no Diário Carioca, onde fiquei como repórter de polícia e o substituí na sua saída para o Diário de Notícias. Sentia falta dos seus gritos irreverentes e da fumaça, do cheiro das guimbas. Fumavam-se cigarros, também.

Numa noite de março de 1957, Wilson telefona e diz: ‘Garoto, passe hoje de noite aqui no Diário de Notícias, quero muito falar com você!’

Logo quando possível, deixei a redação bem-humorada do Diário Carioca e lá fui atender ao chamado do amigo da Rua da Constituição. Era a primeira vez que entrava no jornal. Prédio muito antigo, escadas de madeira largas, rangentes, redação cheia de mesas e um ar sisudo nas pessoas. O estilo bagunceiro do Wilson contrastava com o ambiente. Tudo era novidade para o repórter novinho, com menos de quatro anos de experiência e recém-tornado chefe no lugar do próprio Wilson.

‘Garoto’, gostava ele de chamar, ‘amanhã você vai estar sentado aqui nesta cadeira, pois vou para o Jornal do Commercio (na época dirigido por Santiago Dantas) e este lugar é seu. Já marquei seu encontro com João Dantas,

o dono do jornal, amanhã. Tudo tem de ser resolvido rapidamente. E acrescentou: 'Aqui se paga em dia. Você vai ganhar bem, o triplo de lá. Vales, nunca mais!'

O diálogo foi curto e grosso, como ele gostava, e acabei aceitando o convite e fui me preparar para o encontro com o dono do jornal. No dia seguinte, encontrei o João Dantas, numa sala que era apertada, espécie de sobreloja da parte gráfica com a redação, e acertamos os detalhes. João Dantas estava eufórico na direção do jornal. Queria fazer mudanças, mas encontrava resistências na redação, que vinham do tempo do seu pai, Orlando Dantas, que queria fazer progredir o jornal. Deu uma série de instruções e coube a Wilson me apresentar a Vanderlino Nunes, então secretário-geral da redação, que me indicou uma mesa ao lado da dele, que durante o dia era ocupada por Lacerda, responsável pelo adiantamento da edição do dia seguinte. A maioria dos redatores tinha emprego público e o jornal era um bico. Era assim em quase todos os jornais da época, anos 50.

Descobri que mudanças, conforme queria João Dantas, eram 'embarreiradas' com mais competência pelos resistentes. O calor político partidário na época era efervescente e o jornal tinha uma posição de direita e uma grande influência no setor militar, uma vez que dava completa assistência aos assuntos dos ministérios militares e chegou a ser confundido como porta-voz da área.

Nesse meio-tempo, houve uma mudança brusca. O velho Diário iria se mudar da Rua da Constituição para um prédio novo na Rua Riachuelo, onde era a sede do jornal O Mundo, de Geraldo Rocha, que acabara de comprar uma rotativa em cores. Era tudo o que a mãe de João Dantas queria. Ter o seu suplemento feminino, que circulava aos domingos, impresso em rotogravura, colorido. Um passo à frente em relação aos matutinos. Dona Ondina Ribeiro Dantas, a D'Or, como assinava seus textos críticos sobre música, estava exultante com a novidade. Criou um grupo próprio para fazer o suplemento em forma de revista.

Num fim de semana foi feita a mudança para a nova sede. Mais iluminação, mesas velhas misturadas com novas, banheiros mais limpos, elevador, tudo pronto

para a renovação. O jornal era escrito, diagramado e montado na Riachuelo. As linotipos foram aos poucos sendo transferidas para lá, facilitando a edição. Os flâs eram calandrados e levados para a Constituição, transformados em telhas de chumbo e impressos nas antigas rotativas que continuaram no velho prédio. Era uma batalha diária para que tudo desse certo e que os atrasos fossem os menores possível, uma vez que o jornal tinha hora para rodar e chegar às bancas, distribuído em bondes, trens, ônibus, caminhões, camionetas e barcas. Com esforço de muitos, especialmente dos gráficos, foi possível superar os problemas diários.

O mais difícil era mudar a cabeça das pessoas. Muitos continuavam pensando na poeira da Constituição. O jornal estava mais movimentado. Apareceu Hugo Dupin que repaginou o jornal, criou uma alma nova, estilo moderno de primeira página. Uma revolução gráfica. Depois da mudança, passei a chefe de reportagem. Cuidar do Segundo caderno, sem mexer no esporte, que tinha uma equipe sagrada.

No fim dos anos de 1960, o ambiente político fervilhava, com uma forte oposição contra o presidente Juscelino Kubitschek. Um dos repórteres fotográficos do Mundo Ilustrado, Campanella Neto, acabou sendo testemunha de seqüestro de um avião por oficiais da Aeronáutica e do Exército, que ensaiavam um movimento revolucionário, o segundo no governo JK. O primeiro foi o de Jacareacanga; este, o de Aragarças. Eu cuidava de fechar a edição dominical do Diário de Notícias quando Campanella regressou de sua missão, que não era cobrir qualquer revolução. Corajosamente, ele fez em Aragarças as fotos dos insurgentes, dos feridos, dos aviões em chamas e da operação de guerra que se seguiu. Um material equivalente ao dos fotógrafos de hoje no Iraque, no Afeganistão ou no Vietnã. 'Campanella, vamos aproveitar essas fotos no Diário, de qualquer maneira. Isto é um furo espetacular e não podemos perdê-lo', eu disse para o atônito e cansado fotógrafo.

Mudei a primeira página, pois o jornal estava quase fechado. Abri uma foto grande e fiz uma chamada para a segunda página. Só que esta estava cheia de anúncios. Não tinha lugar no jornal que, por ser edição dominical, não poderia ter alterado o número da página. Diagramamos uma segunda

página inteira, com fotos e o relato de Campanella, e fomos para a oficina, enquanto a fotogravura providenciava os clichês.

Aí começou um velho problema: redação versus publicidade. O chefe da oficina disse que não tinha espaço para uma página inteira. Discutiu que cumpria ordens e não queria montar a página. Acabou aceitando, por se tratar de um furo do jornal. O paginador-chefe, então, me avisou: ‘Cuidado. Quando o senhor virar as costas, ele vai colocar a página de anúncios’.

Não tive dúvidas: conhecia a oficina muito bem. Eram profissionais competentes, linotipistas, emendadores, paginadores. Revisão era de primeira ordem. Gente altamente competente e disposta a trabalhar pela notícia. Peguei todos os paquês – linhas de linotipo que formavam os anúncios – e um a um fui jogando ao chão e espalhando com chutes as centenas de linhas. Fui à mesa do chefe da oficina e categoricamente afirmei: ‘Agora temos uma segunda página para a matéria do Campanella’. A oficina em peso – os linotipistas – levantou-se e bateu palmas, numa cena emocionante. Eles também tiveram a sua revolução. Só saí de lá com o jornal impresso na mão.

Na segunda-feira, enfrentei uma onda de protestos na publicidade. O gerente, Almir Dantas, chegou a aceitar a proposta da minha demissão. Depois, soube que toda a edição tinha sido vendida. Não sobrou jornal. Campanella Neto ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo, em 1960, o primeiro do fotojornalismo. No dia 13 de dezembro de 2005, Campanella entregou o prêmio principal ao primeiro colocado do Esso de fotojornalismo, 45 anos depois de ele ter recebido o seu. Emocionante! Recordação e tributo a um grande jornal, que hoje é só história.

Adail José de Paula

Charges para todos os momentos

O cartunista Adail José de Paula trabalhou no *DN* de 1955 a 1967. Ilustrou quase todas as seções do jornal: política, futebol, o suplemento literário, crônica policial. No depoimento abaixo, ele relata sua atividade no jornal e lembra companheiros que o impressionaram.

Trabalhei no DN de 1955 a 1967, como ilustrador. O desenho era sagrado, nunca o abandonava, todo dia eu desenhava. Eu ilustrava tudo, futebol, política, o suplemento literário. O Diário de Notícias sempre teve um suplemento literário excelente, que no meu tempo era editado pelo Raul Lima.

Ilustrei durante anos a crônica policial do Gilvandro Gambara, ficamos amigos depois de uma briga logo no começo, em que saímos na mão, cheguei a dar uma cabeçada no Gambarra. Isto porque o Gambarra não gostou de uma crítica que lhe fiz, achei que ele tinha feito algo errado. E ele foi parar na delegacia, dentro de um camburão. Mas depois, como eu disse, ficamos amigos. O Gambarra era excelente figura humana, sujeito inteligente, amargo, sofrido, desiludido, humor ácido. Um paraibano, muito lido em Augusto dos Anjos. Além de editor de Polícia e cronista, era também um excelente poeta. Nas ilustrações para o Gambarra, eu ia apurando o traço dos meus bonecos, que o Zivaldo achava bem brasileiros.

O que eu mais gostava de ilustrar eram as reportagens de futebol. Fazia caricaturas do Didi, Zizinho, Pelé, Garrincha, Rivelino, Nilton Santos, Sócrates, Tostão, todo o mundo. No começo, desenhava as caricaturas dos jogadores na redação, perguntava aos repórteres se achavam parecidos. Depois, passei a acompanhar os repórteres, assistia aos jogos, podia ver os jogadores de perto. Alguns já me conheciam. O Pelé, por exemplo, sempre que me via, cumprimentava: 'Oi, negão!'

Lembro de pessoas inesquecíveis na redação do DN : o Luiz Luna, comunista alagoano, que foi redator-chefe; Vanderlino Nunes, colega de cela de mestre Graciliano Ramos. Era um sujeito muito habilidoso manualmente, com miolo de pão fazia peças para o jogo de xadrez. Outra figura conbecidíssima era o Jorge Gonçalves, também chargista. Desenhava o famoso “Pau-de-Sebo”, uma espécie de tabela esportiva. Era o desenho de um mastro, no qual se agarravam uns bonequinhos representando os clubes, e os bonequinhos iam variando de posição, ora mais acima ora mais abaixo no mastro, conforme a oscilação dos clubes na tabela.

E, coisa curiosa, o poeta Lago Burnet era também um bom desenhista, até fez uma caricatura minha... Lembro ainda o Idalício Mendes, que escrevia a coluna Para ler no bonde; Egberto Campos Ribeiro (que fazia o Diário escolar, com a Maria de Lourdes); Osório Borba e o Cartaxo (office-boy), o Ricardo Boechat, Fernando Segismundo, ensaísta, que escrevia editoriais, e chegou a ser presidente da ABI; o Tobias Pinheiro, poeta reconhecido, chegou a ser editor-geral, já na fase agônica do DN, (foi substituído pelo Nilo Dante), e tantos outros. Outra figura folclórica: o diagramador David Gonçalves, engraçado e meio megalomaniaco. Dizia sempre: ‘Não sou mentiroso, eu sou é exagerado, que nem o meu pai...’

Foi o DN que inaugurou as caretinhas de políticos, na coluna Periscópio, quando era escrita, entre outros, pelo Hélio Fernandes. O general Costa e Silva até gostava dos bonecos que e gente fazia dele, segundo me disse o Sérgio Figueiredo, o segundo do Hélio Fernandes.

Ricardo Boechat

Um foca na década de 70

O jornalista Ricardo Boechat ficou apenas pouco mais de um ano no *Diário de Notícias*, mas teve uma passagem marcante. De lá, foi trabalhar com Ibrahim Sued, com quem ficou 14 anos, ingressando assim no mundo do jornalismo social. Mais tarde, ganhou coluna própria e hoje é âncora do jornal da TV Bandeirantes. O humor e a capacidade de observação animam o relato de sua experiência na redação do *DN*, nos anos 70.

“Olhando hoje para o Diário de Notícias de 1970, com os olhos de um homem de 53 anos, vejo um jornalzinho decadente. Mas, para o garoto de 18 anos que eu então era, aquilo significava o mundo; um verdadeiro The New York Times!”

Foi o meu primeiro emprego! Trabalhei ali um ano e pouco, até março de 1972. Mas demoraram uns seis meses para assinar minha carteira. Entrei no jornal pela mão de Kléber Saboya, diretor de publicidade do DN. Ele era o pai de uma colega de colégio. Comecei na redação no mesmo mês de Joaquim Ferreira dos Santos.



Arquivo Biblioteca Nacional

No *Diário escolar*, o apoio constante aos estudantes de todos os níveis.

Eu já estava cheio dos estudos, queria começar logo a ganhar meu salário, minha independência. O Kléber me encaminhou ao Camacho, chefe de reportagem da manhã (o da tarde era Rui Bruno Ávila). Claro, eu tinha algum jeito para escrever, mas nunca tinha pensado em jornalismo. Aceitaria qualquer emprego, como já tinha aceitado o de vendedor livros e também de material de escritório. Chegava cedo na redação, antes de todo o mundo. Naquele deserto de gente, às vezes limpava o pó de minha mesa e das mesas próximas também.

Fui trabalhar na editoria escolar, chefiada pelo Oswaldo Barcelos. O DN era bom na área do ensino, dividindo com o Jornal dos Sports a liderança de público e o faturamento publicitário nesse segmento. Cobríamos cursinhos, vestibulares, o noticiário do setor educacional. Também promovíamos competições diversas entre escolas e outros eventos do gênero. O ponto alto da pauta anual era a divulgação das listas de aprovados nas provas de acesso às faculdades. Eram listas intermináveis, com nome, nota e classificação de cada candidato. Davam um trabalho danado, pois muitas eram feitas à mão e eu tinha que copiá-las do início ao fim, para reproduzi-las na edição do dia seguinte. Um trabalhão danado. Lembro do alívio que senti quando a PUC divulgou as primeiras listas de aprovados no Rio, impressas em computador. Mesmo assim me divertia. Ficava na redação até tarde da noite, atendendo a telefonemas de pais e alunos ansiosos por informação. Todos queriam saber se tinham passado ou levado bomba no vestibular.

Às vezes, me chamavam para fazer outras coisas, típicas de foca: reescrever releases, fazer pequenas matérias factuais quando não havia profissionais disponíveis etc. Um dia fui cobrir uma apreensão de drogas. Mas uma de minhas coberturas principais foi meio casual. Em dezembro de 1970, seqüestraram o embaixador suíço, Giovanni Enrico Bucher. No fim do dia, a cidade estava em pé de guerra, com muitas barreiras policiais na rua. O Pelé viajaria à noite para os EUA, no velho Galeão, precisávamos entrevistá-lo e nossas chances de chegar ao aeroporto para cobrir eram quase nulas, por causa dos engarrafamentos. Mas o Oswaldo,

um dos motoristas do jornal, furou todos os cercos com uma Rural Willys que tinha o nome Diário de Notícias pintado na lataria. Foi subindo calçadas, avançando pela contramão, pedindo passagem aos milicos – e conseguiu chegar ao aeroporto a tempo. O jornal foi o único que publicou a notícia, com foto e entrevista. Era só um pequeno texto-legenda, mas saiu! Saboreei a falsa impressão de ter dado o furo do século!

O seqüestro do embaixador suíço – que terminou sendo trocado por setenta presos políticos – produziu outro feito para o DN. Enquanto o diplomata estava desaparecido, a imprensa montou acampamento à porta da embaixada, na Glória. O Diário de Notícias, carente de pessoal, mandou um único e jovem fotógrafo para concorrer, sozinho, com a monumental vigília da concorrência. Pois ele foi o único a fotografar a volta de Enrico Bucher para casa. Depois de tantos dias, as equipes já não ficavam tão atentas ao trânsito de automóveis na Rua Cândido Mendes. Mas esse rapaz viu um táxi subindo a pista de manbã cedo, ajustou lente e disparou a objetiva várias vezes, meio que na intuição. Pois acertou na mosca – o embaixador estava no banco ao lado do motorista, com o sol matutino refletindo no vidro e dificultando a visão externa. Fez um flagrante excelente, que o Diário de Notícias assinou sozinho e vendeu para várias agências nacionais e internacionais...

Um dia, na redação, assisti boquiaberto a uma troca de socos entre dois veteranos. Brigaram por uma colega de jornal, Conchita. Pancadaria por amor fica na memória.

Como todo jornal, o Diário de Notícias tinha umas figuras curiosas: o Gilvandro Gambarra, editor de polícia, que escrevia uma crônica diária. Figura exótica, pálido, magro e alto, parecia um agente funerário, com uma cabeleira escura e lisa, generosa como a de Beethoven. Mãos finas e dedos longos, me fazia lembrar Nosferatu. Seu texto era único, peculiar, inconfundível, sempre ilustrado pelo traço de Adail, o Adail José de Paula, que ainda está aí, aos 75 anos, publicando suas charges.

Essa era minha rotina de repórter-principiante no Diário de Notícias, que, apesar do pouco tempo em que lá trabalhei, marcou minha vida profissional. Um dia, na redação, passou por mim o editor-chefe, seu Nilo Dante. ‘Rapaz, você está a fim de fazer um bico?’ O bico era cobrir férias de um repórter na coluna do Ibrahim Sued. Claro que aceitei. E assim passei a acumular o emprego no jornal com a tarefa de apurador do mais influente colunista do Brasil em todos os tempos. Aos poucos, fui trocando o DN pelo ‘Turco’, com quem fiquei 14 anos...

Tobias Pinheiro

O repórter em cima da linha

Maranhense do Brejo, nascido em 1926, Tobias Pinheiro trabalhou durante 21 anos no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, para onde entrou em 1954, e ocupou várias funções importantes, chegando a ser a editor-geral. Também exerceu sua profissão em *O Globo* e no *Jornal do Brasil*. “Desde que nasci, tenho andado pelo centro da Terra, nada de Pólo Norte ou de Pólo Sul; nasci quase na linha equatorial, ali no Maranhão, que, por isso, já fala bem do temperamento. E isto não quer dizer que vivo em cima do muro: vivo em cima da linha...”, diz o jornalista.

Fui levado para o DN pela mão de Thadeu Villar de Lemos, do Rio Grande do Norte, primo-irmão de Orlando Dantas. Foi ele quem me apresentou a João Dantas, e me soltou naquela parafernália com cheiro de tintas e chumbo. Aconteceu assim: quando cheguei ao Diário de Notícias, em 5 de novembro de 1954, Dia da Cultura, graças a uma carta do gerente-geral Zoroastro Ramos, ‘por ordem do diretor João Portella Ribeiro Dantas’, eu não tinha noção de que fosse um grande jornal. Cheguei como um cego em noite de novena na cidadezinha, durante o tiroteio, quando o guia fugiu e a bengala desapareceu. Fiquei sozinho no meio da multidão de redatores e repórteres desconhecidos, apressados para dar conta de sua tarefa.

Ninguém tomou conhecimento do foca. Lá pelas 20 horas, chega à redação uma senhora com um menino. Mandaram que eu a atendesse. O menino queria uma bicicleta para o Natal. Fiz a notícia que foi publicada com uma foto. Três dias depois, foi à redação outra senhora com um cheque no valor da bicicleta. Aquele gesto de caridade valeu para mim como um Prêmio Nobel. Provérbio egípcio diz que, para o galo, um grão de

milho vale mais que uma dúzia de pérolas. Criei alma nova e isto me valeu um mundo de esperanças na nova profissão.

Numa repetição de Gorki, posso dizer que o Diário de Notícias foi minha única universidade. Ali trabalhei de 1954 a 1975 e, naqueles 21 anos, adquiri um mundo de experiências.

O Diário de Notícias foi uma trincheira contra a ditadura Vargas, de 10 de novembro de 1937 a 29 de outubro de 1945, mas encerrou suas atividades durante a governo militar de 1964. Eu me lembro de que um dia, durante a fase militar, entraram na redação dois oficiais fardados, para censurarem o jornal. Sentaram-se. Eu me dirigi a eles:

– O que os senhores estão fazendo aqui?

– Viemos para censurar o jornal.

– Senhores, o Diário de Notícias foi fundado por Orlando Dantas, em 1930, para ser o jornal dos militares. Parece um contra-senso censurar um jornal feito para os senhores. Na oficina trabalham muitos funcionários que têm militares em suas famílias. Vai pegar muito mal eles verem o DN ser censurado pelos senhores oficiais. (Eu disse que era um jornal de militares, mas o DN era muito mais do que isso: além de ser um jornal de militares, também era um órgão dirigido aos estudantes, valorizava muito o ensino.) Eles entenderam. No dia seguinte, voltaram, mas sem farda...

Isto parece ironia: o último número do Diário de Notícias foi às bancas no dia 10 de novembro de 1976, data do 38^o aniversário do Estado Novo. Já não era o matutino vigoroso e combativo da Revolução de 1930 e que dois anos depois deu apoio aos paulistas na luta pela Constituição, que só foi promulgada em 1934.

João Dantas, o dono do jornal após a morte do pai (com sua mãe, dona Ondina Ribeiro Dantas), era muito educado, escrevia muito bem e falava várias línguas. Um dia teve a idéia de aumentar o preço do jornal, mas logo se arrependeu. Eu lhe disse: ‘Agora que o senhor mandou os donos das bancas cobrarem mais por exemplar, agora é que o senhor vai baixar o preço? Como vai dar a contra-ordem? E fique sabendo que as pessoas não estão achando caro’. Ele manteve o preço.

Dona Ondina Ribeiro Dantas também foi diretora do jornal. Era uma senhora culta, tinha estudado na França, escrevia crônicas e crítica de música, assinava com o pseudônimo D'Or (D de Dantas; O de Ondina; e R de Ribeiro). Quem também tinha peso no jornal era um cunhado de João Dantas, casado com a irmã mais velha dele, o médico José Eduardo Pinto. Era uma espécie de diretor. Chegava à noite, observava muito. Na época, eu trabalhava, paralelamente, em uma empresa de capitalização, onde ganhava mais do que no DN. Um dia, comuniquei ao Dr. José Eduardo que eu tinha abandonado a capitalização. Na hora, ele se limitou a dizer: 'ótimo'. Telefonou-me depois, pedindo que eu passasse no consultório dele, na Rua Álvaro Alvim, e ali me disse: 'Vamos cobrar o salário que você deixou de receber na empresa, pelo Diário de Notícias'.

O ambiente da redação era um ambiente boêmio. Guardo uma boa lembrança. Como em todo jornal, havia umas personalidades interessantes. Uma delas era o Cleanto, encarregado de pagar os vales nas sextas-feiras. Às vezes, o pagamento não saía, era muito irregular... Um dia eu fiz um poeminha para o Cleanto:

'Comparar Cleanto a Cristo
É coisa que não convém.
Cleanto nasceu em Natal,
Cristo nasceu em Belém.
Cristo pagou por nós todos,
Cleanto não paga a ninguém.'

Outra personalidade interessante era o Gilvandro Gambarra, editor de polícia e responsável pelas crônicas policiais do jornal. Também para ele eu fiz um pequeno poema (aliás, trabalhávamos em outro jornal...), porque um dia ele resolveu esticar um assunto:

'O Gambarra é gente séria,
E trabalha sem malícia:

Faz dez quilos de matéria
Com cem gramas de notícia!

Havia ainda Cartaxo, uma boa figura, o office-boy. Lembro-me de que ele ia apanhar a crônica da Eneida na casa dela, quando ela já estava bem velhinha.

Alguns imortais da Academia Brasileira de Letras, ainda vivos ou já falecidos, passaram pelo jornal de Orlando Dantas: Alceu Amoroso Lima, Afrânio Coutinho, Hermes Lima, Odylo Costa, filho, Raimundo Magalhães Júnior, Adonias Filho, Álvaro Lins, Otto Lara Rezende e Evandro Lins e Silva (que foi repórter quando estudava direito). Ainda hoje, vemos na Casa de Machado de Assis o jornalista Cícero Sandroni e o poeta Ledo Ivo, que dirigiu o suplemento literário após Raul Lima.

Na ABI, muitos companheiros trabalharam no Diário de Notícias. Já morreram, entre outros, Prudente de Moraes, neto, que presidiu a associação e foi para a Light levando os saudosos Nilson Viana e Ivan Alves, além de Sérgio Cabral, três grandes jornalistas dos velhos tempos, quando se escrevia sem auxílio da internet; e havia também o Luiz Luna, que tratava Penna Boto como ‘o querido Almirante’, e Luiz Carlos Prestes, ‘o meu Cavaleiro da Esperança’; e Gumercindo Cabral, que parecia um encrenqueiro, mas sempre foi um gentleman.

Também trabalharam no DN meu amigo maranhense Lago Burnet; Mário Barata, consagrado crítico de artes plásticas, Maria Lúcia Amaral, Hélio Fernandes, Carlos Arthur Pitombeira, Fichel Davit Fichel, o caricaturista Adail de Paula, Sílvio Pélico Leitão Filho, e outros companheiros de projeção, que me desculpem omissões involuntárias.

Vêm à lembrança, ainda, dezenas de companheiros: Ascendino Leite, Vanderlei Nunes, Aurélio Lacerda, Gilvandro Gambarra, que já citei, Luiz Gonzaga de Macedo Filho, Hilton Nobre de Almeida Castro, Archibaldo Figueira, Fagundes de Menezes, Rui Medeiros, Hélio Pólvoira, Hélcio Martins, Alcino Soeiro, Rui Lisboa, Expedito Quintas, Luciano dos Anjos, Agostinho Seixas, Édison Lobão, Daltro de Brito,

Nestor de Holanda, Hélio Rocha, Nilo Dante, Armando de Brito, Ricardo Boechat, Joaquim Ferreira dos Santos, João Rath, Rui Ávila, Maurício Vaitsman, Lindolfo Machado, Washington de Castro, Raul Giudicelli e Adolfo Martins, o presidente da Folha Dirigida, todos passaram pelo jornal como estrelas de primeira grandeza.

Jornalista no DN escrevia sem restrições. Havia liberdade. D'Or, Eneida, Rubem Braga, Joel Silveira, Heráclio Salles, Fernando Leite Mendes, e outros mais deixaram marcas de luz no velho jornal. Ainda lembro Adonias Filho, editorialista que se impunha e assinava a coluna literária 'Estante' e do cronista Osório Borba.

QUASE EXCEÇÃO...

Aos setenta e um anos
Em novembro de dois mil e três
Partiu Gambarra, poeta paraibano...
Gilvandro Gonçalves Gambarra
Sisudo jornalista, pobre e probo!
Às letras sempre voltado
Desde seus tempos primeiros
Ainda lá no seu Estado...
Após, já no Rio de Janeiro
Pontificou na reportagem policial
Do saudoso Diário de Notícias
Agora novamente famoso
Lembrado em novela global!...

Bom poeta, quase ignorado
Porém repórter respeitado
Era referência, o sofrido Gambarra
Pela competência e caráter ilibado
Que não cedia à corrupção!
Sendo até bastante engraçado
O caso da visita ao delegado
Que abriu-lhe sugestivamente a gaveta
E foi tão grande sua surpresa
Com um NÃO jamais esperado...
Que quase sumiu sob a mesa
Ante alguém, não chegado à nutreta!?



Arquivo Adail José de Paula

E como não tinha um outro emprego
Qualquer sinecura, o que era comum...
Vivia de vales atrasados
No jornalão mal administrado
Pela política, depois fechado
Mas marcou, a sua Resenha Policial
Crônicas de sofrido sabor popular
Humor que foi bom de se ilustrar!

Adail José de Paula
21/7/2004

Guardo uma lembrança muito especial de Raul Lima, que soube dar o melhor de sua inteligência e cultura do Diário de Notícias e no lidar com editoriais e com o suplemento literário. Lembro-me bem de 1956, quando ele publicou meu primeiro soneto camoniano, encaminhado por intermédio de Osório Borba. Mas talvez a pessoa que mais me impressionou tenha sido o então editor-chefe Hélio Rocha, por um motivo muito íntimo: quando eu lhe disse que minha mãe acabava de morrer, pôs imediatamente um carro do jornal à minha disposição e me passou todo o dinheiro que tinha na carteira. Outra lembrança (esta, de viagem) do Diário de Notícias: minha ida a Portugal, a bordo do contra-torpedeiro Paraná, para trazer de volta ao Brasil a urna com as cinzas de dom Pedro I.

Muitos colegas perderam a serenidade com o fim do velho jornal. Outros morreram sem uma indenização ou um acordo com o acervo da empresa falida. Em vão esperamos o ramo de oliveira no bico de uma pombinha, como verdadeiro símbolo de esperança, na certeza de que nem tudo estava perdido. O velho jornal ainda sobrevive na memória de quem tem uma boa memória. Um matutino destemido que gostava da verdade, num país onde a mentira sempre teve livre acesso e ainda é tratada com muito carinho.

Nilo Dante

Depois do esplendor, uma lenta agonia

Nas décadas de 50 e 60, o jornalista Nilo Dante exerceu funções importantes no *Diario de Noticias* – de editor de turfe a repórter político, – para onde foi pela mão de Prudente de Moraes, neto. Voltou em 1970, como diretor de redação e editor-chefe, a convite de um amigo de infância, numa fase em que o jornal, depois de uma fase de liderança na imprensa brasileira, já atravessava grandes dificuldades, que o levaram a um fim melancólico. Permaneceu no cargo até 1973. Num depoimento em que manifesta grande admiração pelo *Diario de Noticias*, Nilo Dante nos dá, também, sua versão pessoal da morte do grande jornal carioca.

“*Entrei no Diario de Noticias, pela primeira vez, em princípio de 1956, mas só fui registrado na carteira de trabalho no dia 1º de abril, como repórter. Eu havia começado no jornalismo ainda estudante do Colégio Pedro II, fazendo umas beiradas no Diário Carioca. Fui acolhido no Diario de Noticias pelo diretor da redação, Prudente de Moraes, neto, (todos o chamávamos mestre Prudente), que me havia dado uma oportunidade no Diário Carioca e viria a ser meu padrinho de casamento.*

Não poderia haver melhor ambiente para um principiante na profissão. O Diario de Noticias era um grande jornal, de grandes jornalistas. O mais poderoso e o de maior circulação nos seus anos de ouro – a década de 50 – superando o próprio Correio da Manhã. Era um matutino liberal-conservador, com tendências nacionalistas. Um jornal muito ligado à extinta UDN (União Democrática Nacional), o maior partido de oposição da época. Frequentemente, a velha redação da Rua da Constituição, pertinho da Praça Tiradentes, era visitada por personalidades eminentes da política brasileira, como Carlos Lacerda, Prado Kelly, Hamilton Nogueira, o general Juarez Távora, Adauto Lúcio Cardoso, Otávio Mangabeira e outros.

Pela natureza de seu noticiário, era o jornal preferido dos militares e dos funcionários públicos, que nele encontravam informações sobre dias de pagamento, movimentação do pessoal do Exército, Marinha e Aeronáutica. Os estudantes eram atraídos pelo Diário escolar, seção informativa de grande utilidade para os jovens.

A redação era um grande caldeirão de tendências políticas. Não havia o radicalismo nem os preconceitos ideológicos de hoje. Mestre Prudente, conhecido por ser fortemente conservador, comandava uma redação marcada pelo convívio harmonioso dos colegas da esquerda, do centro e da direita. Democratas, comunistas, socialistas, conservadores e liberais.

Quando entrei no Diário de Notícias, Orlando Dantas já havia morrido, deixando o jornal para a viúva, dona Ondina Ribeiro Dantas, e os filhos do casal, João Dantas e suas irmãs. O principal executivo passou a ser o próprio João, um rapaz inteligente, elegante, que se viu obrigado a assumir a direção do negócio ainda muito novo. Infelizmente, ele não teve ao seu lado um homem como o Eurycles de Mattos, que comandou O Globo depois da morte de Irineu Marinho, quando o Dr. Roberto, também muito novo, assumiu o jornal fundado por seu pai.

Em certa época, no princípio dos anos 60, fui, também, uma espécie de assistente de dona Ondina Dantas, quando ela criou a Revista Feminina, a primeira publicação do gênero, no Brasil, e que era encartada aos domingos no Diário de Notícias.

Convivi com grandes profissionais na redação do Diário de Notícias. Craques do porte de Joel Silveira, Rubem Braga, Eneida de Moraes, Raymundo Magalhães Júnior, Raphael Corrêa de Oliveira. Na política, lembro o Octacílio Lopes (o 'Cara de Onça'), o José Vamberto e o Heráclio Salles – que viriam a ser assessores de imprensa dos presidentes Castello Branco e Costa e Silva, respectivamente – o Villas-Bôas Corrêa, o Castejon Branco, o Gumercindo Cabral.

Na reportagem geral, Luís Luna, Luciano dos Anjos, Osmar Flores, Tobias Pinheiro, Ruy Lisboa, Agostinho Rito, Salles Gomes, Gilvandro Gambarra (depois editor e cronista de Polícia), Rui Medeiros, Vivone Ítalo

Ugo, Manoel Egidio, Expedito Quintas (chefe da sucursal de Brasília nos anos 1960), Vicente Cascardo, Agostinho Seixas. Lembro-me do Aparício Pires (nos Esportes), Oscar Griffiths e Augusto Bastos (no Turfe), assim como Campos Ribeiro e Daltro de Britto (no Serviço), e outros em que a memória não me socorre.

Entre os editorialistas, lá estavam o Osório Borba, o Fernando Segismundo (secretário e, depois, presidente da ABI). Os secretários de redação, no meu tempo, eram o Vanderlino Nunes, o Fagundes de Menezes e o José Lacerda. Na chefia da reportagem, o Hilton Nobre e o Gilson Campos. Júlio Maria editava a seção de assuntos internacionais, na qual se destacava o comentarista Paulo de Castro. Oswaldo Lopes de Castro, o 'Pavio', era o editor de Esportes. O de Economia era Osório Nunes.

O Diário de Notícias publicava uma coluna dedicada à vida noturna – uma coluna da noite – assinada por J. Fom. O crítico de teatro era o Henrique Oscar; o de cinema, o Hugo Barcellos, que deixou a profissão para ser juiz de direito. José Álvaro foi o primeiro colunista social. E o comentarista de esportes era Indalício Mendes, que usava o pseudônimo de José Brígido.

Em 1958, o jornal criou um suplemento especial de turfe, um tablôide de 16 páginas que circulava aos sábados. Eu adorava corridas de cavalos e, para minha máxima alegria, mestre Prudente, um grande turfista, designou-me para editá-lo. Foi onde aprendi a editar jornal. Eu fazia as reportagens e entrevistas, além de escrever uma seção diária intitulada Galope de saúde. Mas o principal conteúdo eram os prognósticos, a análise das possibilidades dos animais em cada páreo, a cargo do cronometrista Oscar Griffiths, com sua admirada seção Trabalhos & aprontos. O fotógrafo – que madrugava conosco diariamente no Hipódromo da Gávea – era Rubem Pereira.

O jornal tinha excelentes diagramadores, como o argentino Juan Carrena, Hugo Dupin, Ezio Speranza e Manoel Ribeiro. Na área de ilustração, o veterano Moraes e o jovem Adail, o cartunista-revelação da época. Também teve um grande time de fotógrafos, como Rubem Pereira, Adir Vieira, Campanella Neto, Luigi Mamprin, João Mendes, Armando Pepé, Altair Lima e outros em que a memória também não me socorre.

O Diário de Notícias viveu o seu momento decisivo em 1957, quando o João Dantas comprou a Mundo Gráfica e Editora, de Geraldo Rocha, então o mais moderno e bem aparelhado parque gráfico do país. Editava o vespertino O Mundo e as revistas Mundo Ilustrado e Mundo Agrário. Apareceram vários pretendentes, como Assis Chateaubriand e Roberto Marinho. Mas o Diário de Notícias levou a parada, pelo vigor da empresa e porque Geraldo Rocha fora amigo de Orlando Dantas. O jornal passou a funcionar no terceiro andar do prédio do Mundo, na Rua Riachuelo, onde hoje funciona a Folha Dirigida, do Adolfo Martins que, aliás, começou como corretor de anúncios do Diário de Notícias.

Ao adquirir o Grupo Mundo, João Dantas desejou ampliar o alcance do Diário de Notícias. Para tanto, trouxe o Nilson Vianna, que já estava no Mundo Ilustrado. Nilson trouxe vários profissionais de nível, criou o copidesque e introduziu uma eficiente reformulação do jornal. João também impulsionou o Mundo Ilustrado, que concorria com a Manchete e O Cruzeiro, e tinha grandes profissionais, como Joel Silveira na redação e Adriano Barbosa, Nilson Vianna, Teixeira Neto e, entre os repórteres, Haroldo Holanda, Araújo Neto, Mário Morel, Luís Gutenberg. Para mim, foi extremamente proveitoso participar dessa equipe.

O declínio do Diário de Notícias começou em 1962 e se acentuou com a saída de Nilson Vianna e de mestre Prudente. A compra do Grupo Mundo talvez tenha sido fatal. Mas houve outros motivos, como a postura de paz com o presidente João Goulart, herdeiro político de Getúlio Vargas, o arquiinimigo do jornal. Nessa linha, deu-se surpreendente aproximação com Leonel Brizola, outro inimigo, que, anos antes, chegara a desafiar João Dantas para um duelo.

Em 1970, o presidente da República (general Emílio Médici) manifestou ao seu ministro da Fazenda (Delfim Neto) o desejo de que não fechasse as portas, em seu governo, o jornal que ele se habituara a ler, quando jovem. Delfim passou o problema ao seu assessor de imprensa, Gustavo Silveira. Um estimado amigo de infância, Gustavo me trouxe de volta ao jornal, que eu deixara em 1962, confiando-me a direção da redação. Ao mesmo tempo, entregou a direção administrativa a um alto funcionário do Banco do Brasil,

Sérgio Nóbrega de Oliveira. Com o apoio do Gustavo – o grande batalhador pela recuperação do jornal – e assistência de Paulo César Leal e Luiz Leão, o Sérgio Nóbrega conseguiu sanear a empresa. Como queria o general Médici, o Diário de Notícias não morreu no seu governo. Superou a crise e foi negociado com o Grupo TAA, do empresário pernambucano Fernando Rodrigues, e de que participava destacadamente o deputado Ricardo Fiúza.

Em princípios de 1973, com a vinda dos novos proprietários, passei o cargo de editor-chefe a um velho colega, Fernando Horácio Da Matta, ex-editor de Esportes do Jornal do Brasil e ex-chefe de redação do Jornal dos Sports. Pouco tempo depois, o Grupo TAA entrou em fase de dificuldades e passou o Diário de Notícias adiante. E então, ao cabo de uma derradeira aventura – fugaz e desastrada –, o jornal acabou, literalmente, nas mãos de um colunista social pouco conhecido, Olímpio Campos.

10/11/1976: Última edição do *Diário de Notícias*.



Bibliografia

CARONE, Edgard. *A Segunda República (1930-1937)*. Rio e Janeiro/São Paulo: Ed. Difel, 1978.

CORREA, Villas-Bôas. *Conversa com a memória*. A história de meio século de jornalismo político. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2002.

FAUSTO, Boris (dir.). História geral da civilização brasileira (período republicano). Economia e cultura (1930-1961). 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 2004.

FERREIRA, Jorge, e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano*. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Livro 2. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Crônica política do Rio de Janeiro*. Depoimentos de Barbosa Lima Sobrinho. Villas-Bôas Corrêa, Murilo Melo Filho et al. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 1998.

LEITÃO, César. Apontamentos históricos do *Diário de Notícias* (30^º aniversário). Rio e Janeiro, 1960. Ed: ?

MOURA, Agenor Soares de. *À margem das traduções*. Análises críticas de traduções de autores consagrados. Org. de Ivo Barroso. São Paulo: Ed. Arx, 2003.

PINHEIRO, Tobias. *Milagres da memória*. Rio de Janeiro, ed. do autor, s/d.

_____. *Desfile de valores*. Rio de Janeiro, ed. do autor, s/d.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Especial de Comunicação Social. *Um jornalismo sob o signo da política*. Cadernos da Comunicação, 14. Série Memória. Rio de Janeiro, nov., 2002.

_____ *Brasília, capital da controvérsia*. A construção, a mudança e a imprensa. Cadernos da Comunicação, 5. Série Memória. Rio de Janeiro, set., 2005.

<http://www.arfoc.org.br/verperfil.asp?idperfil=22>

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm

<http://www.estadao.com.br>

Este livro foi composto em Garamond, corpo 12/16, abertura de capítulos em Times New Roman Bold, corpo 20 e 18, legendas e notas em Arial, corpo 8/9. Miolo impresso em papel *offset* 90gr/m² e capa em cartão supremo 250gr/m², na Imprensa da Cidade, em fevereiro de 2006.



Série Memória 107



